

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

NÍVEL MESTRADO

*História do Espiritismo: criação e elaboração de um livro sob
Encomenda. Experiência de Comunicação Midiática sob o prisma de um
Redator*

Dissertação apresentada como requisito parcial

à obtenção do Título de Mestre em Comunicação

Orientador: Profª. Drª. Anna Maria Balogh

DALMO DUQUE DOS SANTOS

SÃO PAULO

2002

Para o Professor Hippolyte-Léon Denizar Rivail (Allan Kardec), que na sua experiência moderna de São Tomé transformou a crença na imortalidade num fato científico consumado.

MINHA GRATIDÃO

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Anna Maria Balogh, pela paciência e compreensão em relação aos meus limites e confiança nas minhas potencialidades.

Aos professores, funcionários e colegas do Curso de Pós-Graduação da UNIP, que muito contribuíram para enriquecer minha experiência nessa fascinante área de conhecimento.

Aos meus amigos do Além que, acredito eu, me instruíram em algumas reflexões muito úteis nos momentos de impasse dessa dissertação.

À minha mãe, Dona Jacy, e à minha esposa Rosilene, apoios preciosos nas horas mais difíceis.

SUMÁRIO

Resumo – 4

Introdução – 5

Capítulo I – A Editora e o Mercado Editorial – 10

Capítulo II – A Escolha do Título e o seu Significado – 19

Capítulo III – O que Escrever e porque Escrever – 38

Capítulo IV – O Livro toma Corpo e Forma – 52

Signos e Significados – 55

A Significação da Linguagem Espírita – 65

A pesquisa Iconográfica – 72

O Projeto Gráfico – 79

Considerações finais – 84

Bibliografia – 88

Anexo: Capa e conteúdo do livro-objeto da dissertação

RESUMO

O objetivo desta dissertação é fazer um relato de experiência sobre o trabalho de um redator e a análise do processo de criação e elaboração de um livro empreendido em parceria com uma determinada editora. O livro é dirigido especificamente para o público de literatura espírita no Brasil e também no exterior, onde essa doutrina religiosa possui muitos adeptos, geralmente imigrantes brasileiros e seus descendentes.

Este relato pretende mostrar como uma obra historiográfica foi produzida a partir de um fato gerado pela imprensa e estimulada pelo interesse comercial de uma editora especializada no assunto. A intenção dos editores a quem nos associamos era lançar um produto novo sobre o filósofo francês Allan Kardec, pseudônimo de Hoplete Léon Denizard Rivail, e o Espiritismo, doutrina fundada por ele em meados do século 19. Trata-se de um assunto sempre desperta interesse entre o público espírita, apesar do grande número de obras biográficas disponíveis no mercado. Pensamos então em produzir um material diferenciado, mesclando a biografia de Kardec com a filosofia e a história do movimento social espírita. Dessa forma estaríamos também preenchendo uma lacuna no mercado editorial, gerada por uma polêmica lançada recentemente na imprensa brasileira a respeito da origem e propagação do Espiritismo no Brasil. O livro teria a função de esclarecer o público, não só sobre esses dados polêmicos, mas também evidenciar a importância histórica dessa doutrina e os diversos efeitos sociais causados pela ocorrência dos chamados fenômenos espíritas.

INTRODUÇÃO

A polêmica jornalística que motivou em grande parte a realização do livro em questão foi uma matéria publicada na revista *Veja*, em 26 de julho de 2.000¹, intitulada “*À nossa moda*”, redigida por Flávia Varela. Numa visão geral, a extensa reportagem mostrava o Espiritismo como um fenômeno social exótico importado da França e que só havia dado certo no Brasil. As reações que conseguimos analisar e comparar sobre a matéria eram uma mistura de opiniões favoráveis e contrárias ao posicionamento da jornalista, de acordo com o grau de comprometimento ideológico das mesmas. Inúmeros artigos foram publicados na imprensa espírita e a maioria deles reconhecia que, apesar dos equívocos e das generalizações sobre a doutrina, a matéria havia atingido o seu objetivo, que era polemizar o assunto. A matéria teve grande repercussão no meio espírita e também em outros setores religiosos, sobretudo os chamados “evangélicos”, que reagiram de forma agressiva às informações de que uma significativa parte da população brasileira se identificava com as idéias de Allan Kardec. Um exemplo disso foi a revista “*Desperta!*”, da igreja “*Testemunhas de Jeová*”, que publicou no mesmo mês de julho uma edição tendo o Espiritismo como matéria de capa, logicamente repletos de conteúdos negativos e deturpadores da doutrina espírita. Desde então a revista *Veja* vem publicando várias matérias que sempre envolvem, direta ou indiretamente a doutrina espírita, como, por exemplo, uma entrevista de um funcionário do alto escalão do Governo Federal, o general Alberto Cardoso, onde, além de constarem suas atividades profissionais e políticas, destacava-se, também com uma evidente intenção polêmica, o fato desse do

¹ Edição nº 1.659, páginas 78 a 82.

general atuar como médium e voluntário num centro espírita. Mais recentemente a revista publicou uma pesquisa sobre a fé do povo brasileiro, destacando a crença na vida após a morte e uma entrevista com um “cientista cético” combatendo os dogmas religiosos com outros dogmas que ela chama de “princípios científicos”, como se a ciência estivesse totalmente isenta de ideologia.

Enfim, a Doutrina Espírita, assim como outros assuntos relacionados à religião e espiritualidade, tornaram-se assuntos em destaque na mídia. Nosso trabalho de pesquisa, criação e elaboração de um livro seria aproveitar a repercussão desses acontecimentos para gerar um novo produto editorial de propaganda do Espiritismo. Essa pesquisa teria que percorrer o maior número possível de fontes para reafirmar a historicidade dessa doutrina, bem como a longa duração dos seus efeitos sociais, a ponto de influenciar uma parte significativa da população brasileira. Em praticamente todas as suas obras básicas e complementares, a doutrina espírita consta como um resgate da pureza filosófica do cristianismo primitivo e uma ruptura com as religiões judaico-cristãs tradicionais; incorpora ainda em seu corpo doutrinário algumas concepções de diversas religiões históricas orientais. Ela é, então, na visão do seu principal filósofo, a soma dos conhecimentos considerados essenciais no terreno filosófico-religioso acumulados por várias civilizações, durante séculos de história, e interpretados em sua época pela ótica do racionalismo científico.

Para posicionar-se socialmente, num contexto fortemente influenciado pelo materialismo e diante do descrédito das religiões, o Espiritismo se apresenta no século 19 como uma ciência positiva, que observa e explica fenômenos considerados sobrenaturais transformando-os em fenômenos naturais. Como esses fenômenos

tradicionalmente sempre foram de domínio do conhecimento e do poder clerical religioso, a publicação das teses espíritas causariam um grande impacto nessas instituições e em todos os setores sociais historicamente influenciados por elas. Como se sabe, o ponto nevrálgico das religiões tradicionais são os seus dogmas de fé, princípios ideológicos nas quais elas se fundamentam, se estruturam e executam suas finalidades e objetivos institucionais. Seguindo o modelo científico positivista da época, Allan Kardec e seus seguidores utilizaram os fenômenos e a comunicação espíritas como ferramentas para a demolição ideológica desses dogmas, reconhecendo e discutindo abertamente a sua fragilidade racional. Ao contrário do espiritualismo convencional, que sofre com essa contestação dos dogmas, o Espiritismo comunica uma nova interpretação do conhecimento revelado: a Doutrina dos Espíritos e a Codificação de Allan Kardec revêem a essência do conteúdo moral e religioso da ética judaico-cristã e acrescenta a ela algumas concepções que sintetizam a ética das religiões e filosofias das civilizações orientais, como as idéias de causa e efeito (karma) e da reencarnação, ambas como leis naturais.

Numa perspectiva histórica e sociológica, as idéias dos Espíritos, codificadas nas obras de Allan Kardec, tiveram, em vários aspectos, efeitos ideológicos tão impactantes quanto as idéias contidas na obras de Charles Darwin, Frederich Nietzche ou Karl Marx, sobretudo se lembrarmos que, naquele contexto histórico, manifestava-se em todas camadas sociais uma crise existencial, causada pelas rápidas transformações do capitalismo industrial. Não foi à toa que o século 19 tornou-se conhecido, e por isso muito estudado, pela emergência das ideologias e uma grande intensidade de conflitos sociais jamais registrados na história ocidental. Entre os extremos do materialismo científico e o dogmatismo religioso, o Espiritismo surgiu

como uma terceira via a influenciar diversos setores da sociedade naquele momento crítico da civilização cristã.

Nossa tarefa era mostrar a historicidade desses fatos, que aconteceram por força da ocorrência de fenômenos públicos de comunicação, pela sistematização e propagação de idéias através de livros e revistas e principalmente pela formação de grupos de movimento social.

Para autenticar a historicidade da Doutrina Espírita, demonstramos no livro que os registros e fontes de informações geradas pela comunicação social espírita guardavam muitas informações para responder aos questionamentos levantados na polêmica da revista Veja. A partir disso fomos reunindo algumas questões intrigantes sobre o Espiritismo, e que vem há muito sendo levantadas pela imprensa e também por alguns pesquisadores em outras áreas de conhecimento:

Por que o Espiritismo praticamente desapareceu na França e se expandiu tanto no Brasil?

Por que, sendo um movimento que teve tanta repercussão em sua época e nas décadas seguintes, é sistematicamente ignorado pela historiografia européia e norte-americana e conseqüentemente pelos brasileiros que seguem seus passos intelectuais?

Por que o Espiritismo não é citado nem reconhecido como um dos capítulos mais críticos da história do Cristianismo e tratado com fingida indiferença pelos chamados “especialistas” no assunto?

Por que há tantas diferenças de concepção doutrinária e múltiplas tendências no Movimento Espírita?

Quais são as raízes ideológicas do Espiritismo e por que a doutrina ainda sofre tantas resistências no seu aspecto moral, inclusive entre o espíritas?

Quais foram, realmente, os responsáveis, pela implantação e afirmação do Espiritismo no Brasil?

Que nomes e idéias são verdadeiramente significativos e inovadores na História do Movimento Espírita?

Por que alguns historiadores espíritas, estranhamente dogmáticos, também fingem ignorar certos fatos e personagens do Movimento Espírita?

A finalidade do livro, feito mais por uma questão idealista do que um desafio intelectual, era evidenciar que a filosofia espírita, bem como toda a sua estrutura de comunicação, são ainda hoje vistas como um marco na contestação da tradição das religiões dogmáticas e da preservação da cultura humanista cristã e espiritualista, frente ao intenso materialismo que se propagou no mundo pós- industrial. Diversas pesquisas e trabalhos jornalísticos têm chamado também a atenção da opinião pública para a propagação do Espiritismo como uma autêntica religião brasileira. Em outros países o Espiritismo é um movimento isolado, quase insignificante. No Brasil, ao contrário, ele cresce estatisticamente e gera na sociedade a adoção e prática direta de alguns dos seus conceitos doutrinários, como a crença na existência e comunicação dos Espíritos, na reencarnação e nos valores éticos cristãos. Teríamos que incluir no livro uma síntese de tudo isso.

CAPÍTULO I – A EDITORA E O MERCADO EDITORIAL

A Fraternidade Assistencial Esperança – Editora e Distribuidora², a empresa que se propôs a publicar e distribuir o livro em questão, existe há mais de 30 anos como entidade filantrópica, mas foi somente nos últimos cinco anos que ela passou a interessar-se pela atividade editorial. Trata-se de uma instituição beneficente mantida por sócios contribuintes e rendas eventuais, que atua como mantenedora da “Comunidade Terapêutica Francisca Júlia”, em São José dos Campos, que atende 160 doentes mentais sem recursos financeiros. A editora, com a qual já havíamos lançado uma coleção de bolso³, só publica obras cujos direitos autorais são doados pelos autores e os lucros destinados às obras assistenciais. O motivo do seu interesse recente pela atividade editorial foi a constatação de que o mercado de livros espíritas e espiritualistas teve um aumento significativo de demanda nos últimos anos e acena com boas perspectivas de crescimento. Dados mais precisos sobre essa nova realidade mercadológica encontramos, por exemplo, na revista Exame⁴, numa matéria de Davi Cohen, na qual se analisa a crescente tendência de envolvimento do mundo empresarial corporativo com a religiosidade:

“A demanda por temas espirituais na empresas reflete uma tendência mais geral. No anos de 2000, foram vendidos no país 46 milhões de livros sobre religião e espiritualidade, quase 20 milhões a mais que em 1990. O total de títulos do mercado brasileiro cresceu 63% na década, mas o número de títulos religiosos e espirituais aumentou o dobro disso, 120%, pulando de 3,4 mil títulos em 1992, para 7,4 mil, em 2000”.

² www.fraternidadeesperanca.org.br

³ “Allan Kardec dia -a -dia”, em sete volumes.

⁴ Edição 758, 23 de janeiro de 2002.

Essa opção de investimento da Editora Fraternidade foi baseada não só na observação do comportamento do mercado, mas também em dados mais concretos fornecidos pelas entidades mais representativas desse setor, os quais citamos e comentamos a seguir.

O mercado de livros no Brasil convive há décadas com suas conhecidas limitações: o baixo nível de escolaridade da população, agravado pela baixo poder aquisitivo; disso também resultam as edições de tiragem baixa e, conseqüentemente, os altos custos de produção gráfica e comercialização editorial. Por causa desses problemas, o livro brasileiro, como diversos outros produtos de consumo cultural, é considerado um dos mais caros do mundo. Segundo dados Câmara Brasileira do Livro, o nosso consumo é de apenas 2,5 livros *per capita* ao ano, contando com a contribuição do livro didático, cujo grande consumidor e, portanto, investidor e mantenedor, é o governo federal, através do Programa Nacional do Livro Didático –PLND. Sem essa ajuda subsidiária o nosso consumo *per capita* não chegaria a um exemplar por habitante.

Comparando esses dados com os de países desenvolvidos eles se tornam irrisórios: nos Estados Unidos cada habitante consome, em média, 11 livros ao ano; na Europa esse número salta para 17 livros *per capita* em alguns países. Quanto às tiragens, no Brasil elas raramente passam de 3 mil exemplares, para livros considerados de boa aceitação pelo público consumidor de artes e ciências, e a metade dessa quantia para livros técnicos ou de negócios.

Esses são os dados que formam a opinião corrente da maioria dos profissionais ligados ao ramo editorial brasileiro. Mesmo assim, o País possui uma

produção significativa e que já vem despertando o interesse de investidores internacionais. A economia globalizada vem alterando o perfil desse setor que, ao contrário dos demais, vem conseguindo crescer, apesar das constantes altas no preço do papel e no custo final dos produtos. Essa mundialização dos mercados trouxe embutida no seu processo um aspecto ideológico, que é a necessidade da aprendizagem permanente e atualização constante de conhecimentos. Mesmo com o surgimento de revolucionárias tecnologias de comunicação, o livro continua sendo o principal veículo de conhecimento e de acesso às novas informações, incluindo os de conteúdo filosófico-religioso. Refletindo sobre essa nova realidade, na qual as religiões voltam a ampliar sua influência no mundo atual, Sérgio Paulo Rouanet⁵ chama a atenção para um dado importante:

“(...) Essa visão pós-secular não pode deixar de refletir-se num dos temas mais debatidos atualmente, a questão da chamada ‘sociedade do conhecimento’. Até um ano atrás, talvez seus teóricos se recusassem a incluir a religião entre as formas de conhecimento admissíveis na nova sociedade. Quase todos partilham a tese iluminista da relação contraditória entre saber e religião, pela qual a ciência exige o recuo do universo mítico religioso e vice-versa. Hoje essa exclusão não é assim tão automática. Não seria o caso de acolher na nova sociedade a religião racional, que aceita o princípio básico da modernidade político-cultural, o respeito aos princípios seculares?”

(...) Mas é preciso dar um passo além e perguntar se a religião está condenada apenas ao papel negativo de não interferir na sociedade do conhecimento ou se ela teria também um papel positivo nessa sociedade. Em outras palavras, além de não inibir o conhecimento secular, poderia ela também contribuir com um saber específico, que pudesse enriquecer a sociedade do conhecimento?”

⁵ Ensaio “A Volta de Deus’. Folha de São Paulo. Caderno “Mais!”, 19 de maio de 2002.

Também a exigência da quebra de barreiras idiomáticas tem contribuído para que o mercado editorial venha se ampliando no sentido de aumentar o consumo de obras estrangeiras, que por sua vez estimulam a venda de traduções das mesmas. Ao que tudo indica, o advento da tecnologia digital, ao invés de destruir o livro, vêm reforçando o seu consumo no velho e bom formato renascentista, idealizado por há cinco séculos na Itália.

Além da ampliação e agilização nos negócios editoriais, com o aparecimento de “megalivrarias” e das “livrarias virtuais”, vem acontecendo também um interessante fenômeno de multiplicação de novas editoras e novos autores, nas mais diversas áreas de conhecimento. Uma delas foi o setor filosófico-religioso e, dentro dele, especificamente, o livro espírita.

O aquecimento das vendas e da produção de livros filosóficos-religiosos tem sido explicada por vários fatores de ordem cultural e psico-sociológica: as transformações da nova economia e a instabilidade no mercado de trabalho; a crise existencial, de valores morais, que vem marcando a passagem do século 20 para o século 21, e que têm levado as massas ao apego de elementos transcendentais e ao misticismo. Juntamente com essa literatura vem crescendo a procura por obras de psicologia comportamental e psicopedagogia. Essas publicações, em grande parte, vem adquirindo o rótulo mercadológico de “auto-ajuda”, porque são direcionadas ao público que busca nessas leituras soluções para diversos problemas que marcam os conflitos do Homem contemporâneo: a competição, a ansiedade, a incerteza quanto ao futuro, a depressão e os inúmeros distúrbios psicológicos e comportamentais daí resultantes. Por outro lado, essa crise existencial valorizou a busca de harmonia entre

a realidade competitiva da sociedade de consumo e a descoberta novos valores científicos e filosóficos. Segundo Laura Nash⁶, da Escola de Negócios da Universidade de Harvard, a década de 1980 foi marcada pela ideologia do vale-tudo do individualismo, da ambição desmedida e que resultou em grandes escândalos e desastres financeiros. Na metade da década seguinte houve uma reação através de movimentos ecológicos e o resgate da ética como formas alternativas de empreendimentos. Foi nesse contexto que a espiritualidade reentrou em cena no mundo capitalista, motivada por diversas teorias científicas que rompiam com a idéia materialista do mecanicismo: a física quântica, a teoria do caos, e principalmente a substituição do conceito de “Quoeficiente Intelectual” da inteligência única, pelo conceito de múltiplas inteligências do “Quoeficiente Emocional”.

Um estudo⁷ recente sobre o hábito de leitura da população brasileira revela dados que confirmam essa demanda por obras que satisfaçam essas expectativas espirituais. Denominado “**Retrato da Leitura no Brasil**”, o estudo foi feito com base numa pesquisa encomendada por quatro importantes entidades ligadas direta ou indiretamente ao mercado editorial brasileiro: a Câmara Brasileira do Livro, o Sindicato Nacional dos Editores de Livros, a Associação Brasileira de Celulose e Papel e a Associação Brasileira dos Editores de Livros. A pesquisa foi realizada nas principais cidades brasileiras, do ponto de vista demográfico, no período de 10 de dezembro a 25 de janeiro de 2001, confirmando as características anteriormente apontadas em caráter empírico.

⁶ Citada por David Cohen. Revista Exame.

⁷ Folha de São Paulo, caderno E8, sábado, 14 de julho de 2001.

Sobre o consumo de livros filosófico-religiosos, aparecem na pesquisa os seguintes dados:

- a) Apenas 20% dos entrevistados haviam comprado ao menos um livro no período da pesquisa (1,2 livros por pessoa);
- b) Sobre as razões da compra foram apontadas as seguintes intenções, de homens e mulheres respectivamente: para obter conhecimento (38% e 25); por lazer (20% e 23%); para evolução espiritual (13% e 20%);
- c) Sobre o conteúdo das leituras, respectivamente entre homens e mulheres, foram apontados os seguintes assuntos: livros religiosos, incluindo a Bíblia (35% e 50%); quadrinhos (34% e 31%); informática (20% só homens) e culinária (33% só mulheres).
- d) Somente 9% dos entrevistados, em 49 cidades, têm curso superior e 38% pertence à classe C (renda média familiar de 844 reais).

Nesse contexto podemos incluir o livro espírita como um dos objetos de consumo mais procurados pelos leitores de obras de conteúdo espiritual e de auto-ajuda.

Apesar de estar há mais de um século no mercado, a maioria das editoras espíritas são caracterizadas pelo amadorismo de suas atividades, pois em sua maioria, não possuem o perfil competitivo de empresas de mercado e sim de entidades beneficentes e dirigidas por voluntários. Apesar do número significativo de

publicações, só recentemente é que surgiu uma entidade classista para organizar suas atividades e interesses. Das 70 editoras existentes no Brasil, somente 20 são sócias da nova entidade, denominada “Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita” - ADELER⁸. Algumas delas já se preocupam em ter uma participação mais efetiva em importantes eventos classistas, como por exemplo, o Prêmio Jabuti de Literatura. Na categoria “Religião” a edição 2000 desse prêmio dois livros espíritas estiveram entre os dez finalistas: “*A Inspiração Espiritual na criação artística*”, da professora Cristina da Costa Pereira; e “*Vida e obra de Allan Kardec*”, do jornalista e cineasta Edson Audi, ambos da Editora Lachâtre, de Niterói, RJ. Essa entidade vem promovendo desde a sua fundação a realização de seminários com a intenção de profissionalizar o setor através do contato com empresas especializadas no ramo. Em setembro de 2000, um terceiro seminário organizado pela entidade teve como tema “O Mercado Internacional e a Impressão do Livro no III Milênio”.

Um outro detalhe curioso desse segmento é que, mesmo sendo rotulados de “esotéricos” e “auto-ajuda”, os livros espíritas estão sempre presentes nas listas dos mais vendidos, publicadas em conhecidas revistas semanais. A romancista Zíbia Gasparetto, apesar das pesadas críticas ao conteúdo doutrinário dos seus livros, praticamente nunca saiu dessa listas

Um dado também significativo do crescimento do livro espírita é a sua participação na Bienal do Livro, maior evento do mercado editorial brasileiro. Já na segunda edição do evento, em 1972, o médium psicógrafo Chico Xavier, o jornalista Herculano Pires e a novelista espírita Ivani Ribeiro já eram considerados fenômenos editoriais e atraíram uma verdadeira multidão para o Pavilhão da Bienal, no Parque

⁸ Site na Internet: www.adeler.com.br

do Ibirapuera. Segundo Jorge Rizzini⁹, eles permaneceram ali dando autógrafos durante 14 horas ininterruptas, entre 25 e 26 de junho de 1972. Os próprios organizadores da exposição, na época os editores Paulino Saraiva, da ABL, e seu irmão Jorge Saraiva, da Editora Saraiva, reconheceram que a presença de Chico Xavier dera uma nova dimensão ao evento. Rizzini afirma que a imprensa abafou essa repercussão por dois motivos: o preconceito religioso e a necessidade comercial de desassociar a imagem da Bienal do Livro da literatura religiosa. Mais recentemente, num outro contexto histórico e mercadológico, na 16ª Bienal Internacional do Livro, realizada entre 28 de abril e 7 de maio de 2000, em São Paulo, as editoras espíritas ganharam um espaço especial denominado “Avenida Bezerra de Menezes”, em homenagem a este médico, parlamentar e escritor espírita nascido em 1832 e falecido em 1900. Na época a ADELER avaliou esse evento e divulgou um relatório¹⁰ constando algumas estatísticas sobre o desempenho dos produtos espíritas entre os consumidores que frequentaram a Bienal. A quantidade total de livros comercializados, somente na Avenida Bezerra de Menezes, e que reuniu várias editoras em 18 estandes, atingiu a soma de 25 mil exemplares. Outras editoras espíritas, como por exemplo a Editora Peti e a DPL, de maior porte, montaram seus estandes em outras avenidas, juntamente com distribuidoras que também comercializam livros espíritas, o que certamente aumentou a estimativa dos 25 mil volumes constatados pela ADELER..

Outros dados chamam ainda a atenção para essa realidade da expansão editorial espírita no Brasil e no exterior. No Brasil as 70 editoras espíritas

⁹ “J. Herculano Pires, o apóstolo de Kardec”, página 227. Editora Paidéia. São Paulo, 2001.

¹⁰ Revista Internacional de Espiritismo, ANO LXXXV, nº 04, Casa Editora “O Clarim”- Matão, São Paulo, maio de 2000, página 153.

independentes lançam anualmente no mercado 250 novos títulos e comercializam seis milhões de livros por ano. Esses dados foram levantados pela Distribuidora Candeias e publicados na revista Veja, como suporte estatístico da referida matéria sobre Espiritismo. A matéria cita também uma pesquisa do Instituto Vox Populi, afirmando que 3% da população brasileira se declara espírita e 59 % acreditam na existência de Espíritos. Há também estudos, notadamente do Instituto de Estudos de Religião – ISER, mostrando que o Espiritismo é a doutrina religiosa que mais cresce entre a população de média e alta renda e que possui curso superior. Os dados do Censo 2.000 ¹¹ mostram informações um pouco diferentes das que citamos anteriormente, mas revelam o grau de importância do Espiritismo como alternativa religiosa entre os brasileiros: “Depois de católicos apostólicos romanos, evangélicos e sem religião, o quarto grupo mais numeroso é o dos espíritas (como os kardecistas), que somam 2,3 milhões de pessoas e representa 1,4% da população.

¹¹ Folha de São Paulo. Caderno Especial / Censo 2000 - 9 de maio de 2002.

CAPÍTULO II – A ESCOLHA DO TÍTULO E O SEU SIGNIFICADO

O título:

“O Demolidor de Dogmas – Allan Kardec e a Reconstrução da Fé no Ocidente”

O subtítulo:

“A História do Espiritismo na França e no Brasil”

Geralmente a escolha de um título acontece quando a obra já está concluída, pois o mesmo deve representar uma síntese e, ao mesmo tempo, a essência do seu conteúdo. A nossa experiência não seguiu essa tendência e antecipou a definição do título, porque já tínhamos em mente mais ou menos um perfil do conteúdo geral a ser produzido. A escolha foi proposital e esta também serviu de motivação na escolha dos assuntos principais, na montagem e redação dos capítulos e também influenciou a estruturação didática do livro.

Como a maioria das ideologias inovadoras do seu tempo, o Espiritismo surgiu no momento mais crítico da modernidade européia, como doutrina de raízes libertárias e de ruptura com as tradições. Portanto, naturalmente, ela vai ser vista como risco de desestabilização da ordem religiosa estabelecida. Não era um doutrina revolucionária no sentido político, de ameaça direta ao Estado, mas um grave e indireto risco aos componentes de superestrutura ideológico-religiosa que se confundia com o Estado em muitos países, sobretudo os de cultura católica. Sendo assim, essa nova doutrina vai formar uma quantidade considerável de opositores, que

já haviam percebido as consequências sociais de suas idéias. Geralmente, os ataques que o Espiritismo sofre por parte dos seus adversários ou críticos partem de duas concepções extremas e antagônicas entre si: o dogmatismo religioso e o materialismo, este último curiosamente também muito dogmático.

Quando falam os adversários religiosos, obviamente utilizam conceitos repletos de signos religiosos, com a nítida preocupação de mostrar o Espiritismo como uma ruptura da tradição, considerado pela ortodoxia um equívoco de interpretação das verdades religiosas ou ainda uma heresia. O discurso religioso tradicional é essencialmente vertical e autoritário, tentando demonstrar que o narrador é autoridade no assunto e que não precisa justificar suas atitudes ou idéias, pois elas são incontestáveis. Esses adversários religiosos revelam um forte grau de comprometimento institucional, o que dá a esses discursos um tom emocional muito acentuado, seja porque está sendo direcionado ao público em geral, seja porque o narrador é naturalmente envolvido pelos interesses e paixões religiosas. Nesta instrução do “*Grande Catecismo Católico*”, do Pe. José Debarhes¹² encontramos um bom exemplo do que estamos falando. Mais interessante ainda é que o formato e a estrutura didática dessa obra é uma imitação de “O Livro do Espíritos” de Allan Kardec. Também a frase por nós grifada no final do texto é exatamente o principal *slogan* da Doutrina Espírita:

“O Espiritismo é uma das *heresias* piores e mais perniciosas.

É impossível ser católico e espírita ao mesmo tempo. Quem crê no Espiritismo, frequenta suas sessões ou toma seus remédios (passes etc.), torna-se herege e renega a fé.

A malícia do Espiritismo consiste, principalmente, na pretensa comunicação com as almas dos defuntos para saber delas coisas ocultas, o que Deus, já no Antigo Testamento proibiu expressamente:

‘Não se ache vós quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem que seja feiticeiro ou encantador; nem quem consulte os pitões ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade; porque a todas estas coisas abomina o Senhor.’ (Dt. 18,10).

A maior parte das manifestações do Espiritismo são imaginárias ou fraudulentas.

Se nelas realmente se manifesta alguém do outro mundo, só poderá ser o demônio, o maior inimigo de Deus e dos homens. Satanás, muitas vezes, se transforma, aparentemente, em anjo de luz, fala em caridade, amor, salvação e atos de piedade externa, com o fim de enganar mais facilmente os incautos.

Rezemos, muitas vezes, esta belíssima oração do Papa Leão XIII, para que Deus, pela intercessão de S. Miguel Arcanjo, queira livrar o Brasil e o mundo todo da peste do Espiritismo:

‘São Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate; cobri-nos com o vosso escudo contra os embustes e ciladas do demônio. – Ordene-lhe Deus, instantemente o pedimos; e vós, príncipe da milícia celeste, pelo divino poder, precipitai no inferno Satanás e os outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.’

Aplicação: Faze, muitas vezes, atos de **Fé, Esperança e Caridade**¹³, e nunca negligencies a oração da manhã, da noite e à mesa. Na igreja, comporta-te com reverência e assiste com devoção à Santa Missa.”

Já quando falam os críticos materialistas, a linguagem tende a ser mais racional do que emocional, embora, nesses casos, a emoção possa estar sendo camuflada pelo discurso intelectual. Mais habilidosos na expressividade, mais preparados e informados, esses críticos se comunicam questionando as idéias que consideram pouco convincentes e sem “base” científica. Por sua vez, revelam também uma certa dose emocional quando manifestam reações de indignação a certas idéias ou acontecimentos que não compreendem ou não aceitam, por julgarem

¹² Edições Paulinas, 8ª edição, página 161.

¹³ Este é o lema principal do Espiritismo.

estar fora dos seus padrões de conhecimento e saber. Nesse aspecto, o discurso crítico materialista também assume características dogmáticas, preconceituosas e que acabam denunciando outros comprometimentos de várias naturezas: imagem pessoal, interesses políticos e profissionais, etc. É o caso, por exemplo, de um psicólogo norte-americano, Michael Shermer, diretor da ONG “Sociedade dos Céticos” e professor do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech). Em entrevista recente publicada pela revista Veja o pesquisador foi estimulado a falar sobre suas convicções, após a mesma revista ter publicado uma matéria de capa¹⁴ sobre a fé do povo brasileiro, na qual mais da metade da população declarava crer em Espíritos e na vida após a morte:

“A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos seus discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de auto-correção que operam como a seleção natural. Para avançar a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

(...) A maior parte das pessoas pensa que acreditar em espíritos ou telepatia é inofensivo. Não é. Por uma razão muito simples: quem acredita em coisas para as quais não existe nenhuma evidência pode acreditar em tudo. Da mesma forma que o consumo de maconha pode levar à heroína, crenças simplórias em fantasmas e discos voadores podem levar a outras mais perigosas”.

¹⁴ “O Povo que acredita”, edição de 19 de setembro.

(...) Nós temos a obrigação de falar a verdade em todas as ocasiões, a todas as pessoas, sejam elas adultos ou crianças. Não há nenhuma evidência de que exista de fato vida a pós a morte. A questão é falar isso de uma forma amigável e ponderada e mostrar que é possível levar a vida em plenitude. Elas irão entender que não há grandes problemas em ser cético.”

Como podemos perceber, Sherner mistura alguns conceitos verdadeiros com muitos preconceitos, evidentemente porque, na sua cultura materialista, as experiências com as coisas transcendentais são encaradas como valores confusos e também porque, quase sempre, foram exploradas comercialmente. Quanto ao seu discurso científico purista, não é tanto o que aparenta ser, pois essa mesma ciência a que ele se refere vem apagando da sua memória as experiências e teorias de nomes consagrados no final do século 19 e início do 20 como Frederic Mayiers, Henry Sidgwick, Willian Crookes, Edmund Gurney, Gustave Geley, Charles Richet, Cesare Lombroso, Alexander Aksakof e as próprias investigações de Arthur Conan Doyle sobre os fenômenos espíritos. Mais recentemente diversos pesquisadores respeitáveis como os psiquiatras Ian Stevenson e Brian Weiss publicaram inúmeros estudos sobre reencarnação que confirmam as teorias dos seus antecessores. O psicólogo Carl R. Rogers¹⁵, que revolucionou com as suas teorias as práticas terapêuticas grupais nos anos 60 e 70, publicou em sua memórias essas declarações surpreendentes sobre sua mudança de opinião e atitude a respeito dos fenômenos psíquicos. Na primeira publicação ele se mostra cético, porém aberto a discussões:

¹⁵ “Um jeito de Ser”. Editora Pedagógica Universitária. São Paulo, 1983.

“E, então, há o fim da vida. Talvez lhe surpreenda o fato de, na minha idade, eu pensar muito pouco sobre a morte. O interesse generalizado por este assunto surpreende-me.

Há dez ou quinze anos atrás, eu tinha certeza de que a morte representava o fim de tudo. Eu ainda encaro essa perspectiva como a mais provável. No entanto, não me parece trágica ou terrível. Tenho sido capaz de viver – não de modo total, mas com um grau de plenitude bastante satisfatório – e me parece natural que minha vida chega a um fim. Já atingi, nas outras pessoas, um certo grau de imortalidade. Já disse algumas vezes que, psicologicamente, tenho filhas e filhos vigorosos em todo o mundo. Acredito também que as idéias e as maneiras de viver que eu e os outros ajudamos a desenvolver continuarão, pelo menos, por algum tempo. Se eu, como indivíduo, acabar por completo, haverá aspectos meus que ainda viverão sob várias formas de desenvolvimento, o que não deixa de ser uma perspectiva agradável.

Acredito que ninguém pode saber se teme a morte antes que ela chegue. Certamente, a morte é o último mergulho no escuro, e creio que a apreensão que eu sinto quando vou ser anestesiado será duas vezes maior quando eu estiver diante da morte. Por enquanto, ainda não tenho um medo realmente profundo da morte. Até onde posso perceber, meu medo relaciona-se com as circunstâncias em que poderá se dar. Tenho horror de qualquer doença longa e penosa que leva à morte. Odeio pensar na senilidade ou num distúrbio cerebral parcial devido a um derrame. Prefiro morrer rapidamente, antes que seja tarde demais para morrer com dignidade. Penso, por exemplo, em Winston Churchill. Não lamentei sua morte. Lamentei o fato de que ela não tivesse ocorrido mais cedo, quando ele poderia ter morrido com a dignidade que merecia.

A minha crença de que a morte é o fim foi modificada, no entanto, por coisas que aprendi na década passada. Fiquei impressionado com os relatos de Raymond Moody (1975) sobre experiências com pessoas que estiveram próximas da morte a ponto de serem declaradas mortas, mas que voltaram à vida. Impressionaram-me alguns relatos sobre reencarnação, embora eu considere um bônus muito duvidosa*. Interesse-me pelos trabalhos de Elisabeth Kubler-Ross e por suas conclusões sobre a vida após a morte.

Acho muito interessante a concepção de Arthur Koestler, segundo a qual nossa consciência individual não passa de um fragmento da consciência cósmica, reabsorvido por ela depois da morte do indivíduo.** Gosto da analogia do indivíduo como um rio que corre, com o passar do tempo, em direção às águas do mar e abandona seu leito lamacento ao atingir o mar ilimitado.

Assim, considero a morte como uma abertura para a experiência. Ela será o que tiver que ser, e estou certo de que a aceitarei, quer ela seja um fim, quer uma continuação da vida”.

Anos mais tarde Rogers fez uma atualização dessas declarações no texto “Vivendo o processo de morrer” e explica os motivos dessa mudança:

“Decidi completar este capítulo concentrando-me em 1979 – um ano bastante movimentado, no qual a dor, o luto, a mudança, a satisfação e o risco marcaram a sua presença”.

“Nos dezoito meses que antecederam à morte de minha mulher, em março, de 1979, houve uma série de experiências em que Helen, eu e alguns amigos estivemos envolvidos. Estas experiências mudaram decididamente minhas concepções e sentimentos sobre a morte e a continuação do espírito. Foram experiências intensamente pessoais, e algum dia escreverei mais detalhadamente sobre elas. Por hora, posso apenas esboçá-las. A história que se segue se refere sobretudo a Helen, mas focalizarei a minha vivência desta experiência.

Helen era muito cética em relação a fenômenos psíquicos e à imortalidade. Mas fomos convidados a visitar uma médium honesta, que não cobraria pela consulta. Lá, Helen experimentou, e eu observei, um “contato” com sua irmã já falecida, envolvendo fatos de que a médium não poderia ter conhecimento. As mensagens eram extraordinariamente convincentes e vieram através de batidas de uma sólida mesa***, que soletrava as palavras. Mais tarde, quando a médium veio à minha casa e *minha própria mesa* soletrou mensagens em nossa sala de estar, só me restava ceder diante de uma experiência incrível e certamente não-fraudulenta.

Helen teve ainda algumas visões e sonhos com pessoas de sua família, o que a fez pensar cada vez mais que seria bem recebida “do outro lado”.

Quando a morte estava mais próxima, ela viu figuras malignas e o próprio diabo**** rondando sua cama, no hospital. Mas quando um amigo sugeriu que talvez fossem criações de sua mente, Helen mandou-o embora, dizendo ao diabo que ele havia cometido um erro ao vir, pois não iria embora com ele. Ele não voltou a aparecer.

Ainda nestes últimos dias, Helen viu uma luz branca e inspiradora que se aproximou dela, levantou-a da cama e depois a deitou novamente.

Como já disse, nestes últimos anos a distância entre nós crescera muito. Queria cuidar dela, mas não tinha certeza de que a amava. Um dia, quando ela estava muito perto de morrer, senti uma agitação interna que não podia entender. Quando fui ao hospital para lhe dar o jantar, como fazia sempre, vi-me de repente dizendo a ela que a havia amado muito, que ela significava muito para mim e que ela havia contribuído imensamente para manter a nossa longa união. Senti que já havia dito todas essas coisas para ela antes, mas naquela noite tiveram uma intensidade e sinceridade que nunca haviam tido antes. Disse-lhe que não se sentisse obrigada a viver, que tudo estava bem com a sua família e que ela devia se sentir livre para viver ou morrer, como **ela** o desejasse. Disse também que esperava que a luz branca voltasse naquela noite.

Evidentemente eu a estava libertando da idéia de que devia viver – para os outros. Mais tarde soube que, quando a deixei, ela chamou as enfermeiras daquele andar, agradeceu-lhes por tudo o que haviam feito por ela e lhes disse que ia morrer.

Pela manhã, ela estava em coma e na manhã seguinte morreu em paz, enquanto sua filha segurava-lhe a mão, diante de mim e de muitos amigos.

Naquela noite, alguns amigos tiveram uma sessão com aquela médium. Logo entraram em contato com Helen, que respondeu a muitas perguntas: ela havia ouvido tudo que se dissera enquanto estava em coma; ela havia visto a luz branca e Espíritos vindo em direção a ela; estava em contato com a sua família; ela tinha agora o aspecto de uma mulher jovem; sua morte havia sido pacífica e indolor.

Todas essas experiências que estou mais sugerindo do que propriamente descrevendo, neste capítulo, tornaram-me muito mais aberto à hipótese da continuação do espírito humano, coisa que jamais acreditei ser possível. Estas experiências provocaram em mim um grande interesse por todo o tipo de fenômenos paranormais. Modificaram completamente minha concepção do processo da morte. Agora considero possível que cada um de nós seja uma essência espiritual contínua, que se mantém através dos tempos e que ocasionalmente se encarna num corpo humano.

É óbvio que todas essas considerações contrastam frontalmente com algumas passagens deste capítulo, escrito há apenas dois anos atrás”.¹⁶

¹⁶ Embora essas declarações sejam suficientes para confiar na sinceridade desse célebre cientista, é necessário lembrar que, tal como Freud e Jung, que também realizaram experiências com tais fenômenos, Rogers não dominava esses conhecimentos, daí a necessidade de explicar as passagens que colocamos asteriscos: * 1) Mesmo duvidando, intuitivamente Rogers definiu muito bem a reencarnação como uma “benção”. Não se trata apenas de uma crença, mas de uma lei da Natureza que garante o processo evolutivo nos três reinos da vida e a superação do limites da matéria. ** 2) Essa é a concepção da doutrina panteísta, que nega a imortalidade no seu aspecto individual. No texto “As Cinco Alternativas da Humanidade” (Obras Póstumas), Allan Kardec mostrou o equívoco dessa visão de mundo, explicando que a individualidade do Espírito é a principal marca da sobrevivência após a morte. *** 3) Esse sistema de comunicação mediúnica, ainda em uso, foi criado e inspirado pelos Espíritos a

Se essas teorias ficaram obsoletas e relatos pessoais como esse de Rogers não possuem nenhum valor ou credibilidade, então é de se concluir que são apenas as questões ideológicas que impedem um diálogo franco entre crentes e céticos. Ao longo da entrevista percebe-se claramente que o cientista entrevistado por Veja desconhece a história da ciência, do qual se declara representante legítimo, e do Espiritismo na Europa e no seu próprio país, como se essas experiências ocorridas no passado não tivessem sido documentadas nem gerado conceitos e conclusões universalmente aceitas pela comunidade científica da época. A maioria dos conceitos científicos atuais foram delineados há mais de cem anos e nem por isso se tornaram obsoletos. A própria organização científica da qual Shermer atua pode estar fazendo do ceticismo uma ideologia com finalidades comerciais, tornando-o suspeito em muitas das suas afirmações. A própria entrevista não foi concedida de maneira fortuita, mesmo porque o seu autor sabe das repercussões e dos lucros que os órgãos de comunicação vão faturar em cima desse tipo de polêmica. Na seção de cartas de Veja de 16 de janeiro, a revista publicou a seguinte nota:

“ESPIRITISMO E UMBANDA: Duas dezenas de leitores ficaram inconformados com a forma como foram tabulados os dados da pesquisa apresentada na reportagem “Um povo que acredita”. Os quadros juntaram num mesmo grupo os seguidores do espiritismo – grupo inspirado nos ensinamentos de Allan Kardec – e os adeptos do candomblé, religião de origem

partir de 1848, em Hydesville, estado de Nova York, quando as meninas Fox estabeleceram o primeiro diálogo direto com o mundo espiritual em nossa Era Contemporânea. Esses fatos foram registrados por Sir Arthur Conan Doyle (o célebre autor de Sherlock Holmes) em “*A História do Espiritismo*”, publicado pela Editora Pensamento. **** Essas visões podem ser produtos da criação mental e também a aproximação real Espíritos inimigos, que assumem formas ideopláticas monstruosas e que vêm vingar-se de atos negativos cometidos a eles pelo desencarnante. A figura do diabo é uma expressão mitológica da educação religiosa dogmática e que acaba sendo imprimida na mente humana por força dos hábitos e da crença.

africana. “A diferença de crenças e práticas entre os dois grupos religiosos é imensa. No próprio texto da reportagem, Veja afirma que os praticantes do candomblé invariavelmente se identificam com a fé católica. Os espíritas não aceitam o dogma de recompensas e penas eternas nem acreditam na existência do diabo”, escreveu o leitor Durval Macedo Filho, de Fortaleza, Ceará.”

Sobre as repercussões da entrevista de Michael Shermer, a mesma seção registrou quatro opiniões de leitores:

“Brilhante e muito oportuna a entrevista com Michael Shermer. No mundo pós-11 de setembro de 2001, o pensamento crítico e racional é a única atitude que nos separa do radicalismo das crenças fanáticas e das superstições enganadoras.” – *Sérgio Crus Navega, São Paulo, SP.*

“Após penar por anos com as incontáveis matérias que homenageiam e estimulam o misticismo nacional, finalmente deparo com um espaço aberto ao pensamento racional-científico. Seria ótimo que Veja passasse a tratar os temas místicos na mesma linha investigativa que adota quando o assunto é política ou economia.” *João Campos, Porto Alegre, RS.*

“Finalmente uma voz lúcida nesse mar de ignorância”. *Sérgio Jobim Dutra, Caxias do Sul, RS.*

“O Sr. Michael Shermer incita claramente à inquisição científica, colocando tudo o que envolve os mistérios do universo em uma vala que chama pejorativamente de “crendice”. Se a ciência é tão onipotente, como ele defende, porque o cientista não nos traz a explicação para a própria criação de tudo, dos tantos mistérios que ainda nos cercam? *Marcos Brogna, Americana, SP.*

Materialismo e ortodoxia religiosa: essas são as duas principais forças ideológicas que se manifestam socialmente contrárias ao Espiritismo e que se julgam com um certo poder de formar uma opinião pública desfavorável a esses princípios doutrinários. Isso pode ser observado de maneira explícita tanto nos veículos de comunicação controlados por instituições religiosas quanto naqueles que são de natureza comercial, mas cuja presença de intelectuais orgânicos, ou seja engajados direta ou indiretamente numa causa ideológica, facilitam a propagação de determinadas idéias. Na mesma edição de 16 de janeiro de 2002, a seção de livros de Veja traz uma curiosa crítica de Carlos Graieb sobre a versão espírita de uma obra inacabada de Charles Dickens. Quando se espera que o crítico faça uma análise criteriosa e técnica do conteúdo, ele apresenta uma visível irritação de fundo ideológico e que revela sua incapacidade de lidar emocionalmente com esse fenômeno psicográfico da literatura:

“O RESTO É RESTO: a última obra de Dickens com um acréscimo absurdo.

O inglês Charles Dickens escreveu suas últimas palavras em 8 de junho de 1870. No fim desse dia teve um colapso e, na manhã seguinte, estava morto. Ele era o escritor mais popular de seu tempo e deixava um romance inacabado. *O Mistério de Edwin Drood* vinha saindo em folhetim. Como sugere o seu título, propunha um enigma. Teria o jovem Drood sido morto? Por quem? Sobre muitas dúvidas e angústias dos fãs, não demorou a erguer-se um mercado: o de versões para a conclusão da história. A mais **absurda** foi lançada em 1873, nos EUA. Teria sido ditada pelo espírito de Dickens ao mecânico Thomas James. Pois **não é uma pena** que, em sua primeira edição no Brasil, *O Mistério de Edwin Drood* venha **justamente** nessa versão espírita? A editora acredita estar prestando um favor aos leitores. Em vez disso, ao levantar uma **inútil discussão** sobre a “autenticidade” do texto psicografado”, apenas desvia a atenção do que **interessa** – as páginas que o autor

realmente escreveu e que estão entre as melhores de sua maturidade. Anote: Dickens foi até o capítulo 20 do livro. **O resto é o resto.**”

O crítico atacou autenticidade obra, mas não soube distinguir o que é autêntico ou não, como se esse fato não fosse conhecido nos meios literários. Não se deu ao trabalho de analisar o conteúdo que rotulou passionalmente de o “resto”. Os termos que grifamos são de uma arrogância inexplicável, como se o mesmo fosse autoridade absoluta para julgar o que é real ou irreal. Ele decide, dogmaticamente, que a versão é “absurda” e que a discussão sobre a autenticidade é “inútil” e se desvia do que “interessa”. Mesmo sendo uma opinião pessoal, o crítico não deixa claro o que significa inutilidade e a que tipo de interesse ele está se referindo, nem tampouco o público do qual ele se arvora de porta-voz. Colocando de lado a autenticidade autoral da obra, mesmo não se tratando do Espírito de Dickens, o livro é um fato literário, independente das suas origens. Não existe proselitismo doutrinário espírita nessa versão mediúnica; apenas foi tecnicamente produzido pela psicografia. Se esse detalhe técnico-mediúnico fosse omitido, os leitores nem o crítico nem perceberiam. O preconceito do crítico contra o Espiritismo é flagrante e irracional. Não se trata de uma discussão “inútil”, a não ser quer ele esteja se referindo aos casos históricos nos quais os canais competentes não conseguiram explicar pelas vias convencionais. Desde que o então semi-analfabeto Chico Xavier publicou em 1932 a obra “*Parnaso Além-Túmulo*”, uma coletânea de poemas de vários autores “mortos”, pouca gente “especializada” se deu ao trabalho de desmentir a espantosa autenticidade de estilos de cada um dos diversos autores quen assinam a obra. Na época Monteiro Lobato declarou: “Se os poemas de *Parnaso Além-Túmulo* são de Francisco Cândido Xavier,

este poderia ocupar quantas cadeiras quisesse na Academia Brasileira de Letras”¹⁷. Chico Xavier também foi processado judicialmente pela família do falecido escritor Humberto de Campos e, no tribunal, psicografou mensagens sobre o assunto em questão. Em transe mediúnico, Chico Xavier já psicografou textos filosóficos em sânscrito. O caso Humberto de Campos, que passou a utilizar o pseudônimo “Irmão X”, foi encerrado por falta de elementos jurídicos e científicos que solucionassem a discussão. Nesse aspecto, a discussão realmente é inútil, pois não há como explicar, pelas vias convencionais, essa impressionante capacidade mental de produzir uma quantidade de textos tão diversificados em conteúdo e estilo. Não se espera que o crítico se converta ao Espiritismo, nem aceite essas premissas doutrinárias, mas o que se estranha é a forma como esse tipo de assunto é tratado, sem o menor pudor ético ou ideológico. Sobre esse tipo de comportamento, o escritor argentino Humberto Mariotti¹⁸ fez a seguinte observação:

“É incompreensível que a crítica tema o conceito espírita do homem e da arte, posto que não são poucos os poetas que direta ou indiretamente têm se relacionado com a mediunidade. A Crítica parece ignorar que uma interpretação mediúnica da arte daria lugar a uma melhor compreensão do próprio fenômeno surrealista, que tantas vinculações possui com o fenômeno mediúnico (...) A poesia e a mediunidade estão intimamente ligadas. O verdadeiro poeta é sempre um médium em seus momentos de inspiração poética. Fazer pois do poeta um simples obreiro da pena seria desconhecer o que é a beleza como expressão do homem espiritualizado. O poeta, como repentista, está sujeito a transes especiais pelos quais se pode alcançar as mais belas manifestações poéticas. O poeta não é um escritor cerebral; ao contrário, o poeta está sempre exposto ao transe poético, o que não ocorre quando as letras são cultivadas como um simples ofício”.

¹⁷ Citado por Humberto Mariotti no capítulo “Advento da Literatura Espírita” em “Victor Hugo

Por outro lado, há também forças de comunicação, através de agentes de opinião favoráveis, e outras que são neutras, mas que também podem tomar posições e posturas úteis, quando, por exemplo, percebem e reagem contra essas manipulações que consideram fora da sua ética. Foi pensando também em todas essas nuances do universo da comunicação e da informação, que ampliamos a pesquisa em torno do conteúdo e da seleção de temas essenciais que o livro deveria contemplar. Daí surgiria a idéia do título e do subtítulo.

1. Por que “*O Demolidor de Dogmas*”?

Primeiro porque queríamos definir um título que causasse impacto, mostrando logo de início uma situação de confronto intelectual, de guerra de idéias. Nessa perspectiva, Demolidor é aquele que destrói sem piedade, sem a possibilidade de reação; a expressão é muito utilizada em eventos esportivos competitivos e gera uma expectativa no público quanto aos resultados das disputas. Mesmo em se tratando de religião, a idéia de um “demolidor” não é estranha, pois os textos bíblicos são repletos de exemplos alegóricos de lutas violentas no terreno ideológico: Moisés e os egípcios, Sansão e os filesteus, Daniel e os leões, Davi e Golias, Jesus e os vendedores do templo, etc. Enfim, Allan Kardec teria que ser apresentado como um desses personagens históricos antigos, mas carregando armas e bagagens modernas na sua luta ideológica.

Espírita”, página 74. Correio Fraternal do ABC. 1989.

¹⁸ Idem, página 70.

O Espiritismo possui linguagem objetiva e sempre se posiciona como decifrador e clarificador racional de símbolos e alegorias, daí a sua marca constante de agente de revelação às claras, de “levantar o véu” dos mistérios. Elifas Levi¹⁹, um mestre do ocultismo, escreveu que a alegoria é a mãe de todos os dogmas, a “substituição da impressão pelo selo, da sombra pela realidade, é a mentira da verdade e a verdade da mentira”. Numa comparação alegórica, os dogmas são os inimigos gigantes, porém vulneráveis em muitos pontos aparentemente inatingíveis. Eles são os egípcios, os Golias, os leões, os mercadores do templo, enfim, os diversos interesses ideológicos e políticos disfarçados nas tradições e rituais de comportamento; apresentam-se como forças insuperáveis e aterradoras, porém estruturadas sobre “pés de barro”. Os dogmas não estão somente relacionados à religião, mas também à estrutura acadêmico-científica, que é também histórica e essencialmente sacerdotal, eclesiástica e institucional. Eles sustentam de um lado o domínio místico-religioso do clero e, do outro lado, o domínio gerado pelo aparato acadêmico-materialista, ambos respeitados e temidos pela sociedade laica. J. Herculano Pires²⁰ distingue duas formas de dogmas: a de origem grega, filosófica e racional, que significa “opinião”, e aquela que foi sendo incorporada à religião, e que tomou um sentido ideológico e doutrinário, geralmente na interpretação dos textos sagrados. O dogma religioso é de crença, fechado, restrito e fundamentado em revelação religiosa inquestionável; o dogma filosófico e de razão é produto de uma estruturação racional dinâmica em que há possibilidade de questionamento, sendo submetido constantemente à análise do raciocínio. O nascimento de Jesus de uma virgem é um dogma de fé e não pode ser submetido aos questionamentos científicos

¹⁹ Citado por Humberto Eco em “O Pêndulo de Foucault”, capítulo 23.

²⁰ “Agonia das religiões”, capítulo III, página 22.

da Biologia, pois isso significaria um dano irreversível para a sua essência; já a reencarnação é um dogma filosófico e pode ser questionado sem prejuízo da sua essência racional, pois ela relativiza tudo o que é aparentemente sólido e perpétuo. Por exemplo: assim como o escravo romano poderia um dia voltar a viver como senhor, o senhor poderia voltar como escravo; uma verdade que hoje é absoluta passa ser relativa, pois a reencarnação altera não só o *status quo* dos indivíduos, mas também os seus pontos de vista. Enquanto a ressurreição é o dogma estático da transformação mágica e sobrenatural, a reencarnação é um dogma dinâmico da transformação pelas próprias leis da Natureza, sendo perfeitamente compatível com o evolucionismo e não descarta Deus e o criacionismo dessa perspectiva. Deus é a Natureza e suas leis. Então, a oposição entre a biologia e o milagre representa um choque de idéias incompatíveis; já a oposição entre os dogmas da ressurreição e reencarnação não são totalmente incompatíveis, sendo apenas uma questão de ponto de vista e de linguagem. Ao demolir dogmas, Allan Kardec o faria no seu sentido racional, propondo dogmas filosóficos, deixando de lado as crenças, que são vulneráveis, para preservar a fé, reconstruída e sustentada agora em princípios racionais e positivos.

2. Por que “Allan Kardec e a Reconstrução da Fé no Ocidente”?

Embora nós tivéssemos a clara intenção mostrar Allan Kardec como um “demolidor”, que é talvez um aspecto negativo útil, um mal necessário - pois a destruição também faz parte na natureza no seus processos de transformação – tínhamos que ressaltar no Codificador do Espiritismo a sua habilidade de destruir e ao

mesmo tempo reconstruir a religiosidade ocidental, fortemente abalada pelo materialismo, mas cuja culpa era dos rumos que as Igrejas tinham dado aos ensinamentos filosóficos de Jesus. A fusão da filosofia cristã com o dogmatismo mitológico greco-romano e costumes bárbaros resultou no desvio das suas raízes humanísticas mais autênticas. Alterou-se inclusive os textos e o conhecimento histórico desses acontecimentos, com a intenção de ocultar idéias comprometedoras e facilitar a cooptação dos núcleos cristãos pelo poder político vigente. Não bastaria apenas demolir os dogmas, pois esse papel vinha sendo exercido como muita eficiência pelos filósofos materialistas e anticlericais; era prioritário preservar a religiosidade cristã no seu aspecto puro, moral e inatacável. A estratégia de reconstrução tinha que agir em mão dupla: atacar a religião dogmática e também mostrar que a imortalidade era um tema científico e não mais uma especulação filosófica. Para exemplificar melhor essa idéia poderíamos afirmar que Allan Kardec seria, no século 19, a encarnação e ao mesmo tempo o triunfo do apóstolo Tomé. Seu contato com as mesas-girantes representou o desafio do dogma religioso e a busca e encontro com dogma filosófico da sobrevivência da alma e da comunicação entre vivos e mortos. Aliás, depois de Kardec tornou-se muito difícil estabelecer quem realmente são os “vivos” e quem são os “mortos”.

3. Por que “*A História do Espiritismo na França e no Brasil*”?

Na matéria crítica de Flávia Varela, um dos aspectos que mais causou reações entre os espíritas foi a afirmação de que o Espiritismo foi uma doutrina importada da França e que só deu certo no Brasil. Essa análise superficial, porém verdadeira, e que repercutiu naturalmente como uma provocação, significou para nós uma excelente

oportunidade para debater um assunto de difícil explicação, porém muito atraente. Trata-se de um “calcanhar de Aquiles”, mas é também um desafio não só para os espíritas, mas também para os historiadores e sociólogos. As ligações entre o Espiritismo e o Brasil, bem como a sua propagação na sociedade brasileira não é um enigma, mas um assunto que ainda carece explicações mais elucidativas. Por isso optamos por uma narrativa historiográfica, como fio condutor do livro, mesmo sabendo que em certos trechos teríamos que introduzir informações reveladas, de origem mediúnica, para justificar algumas teses. Mostrar que o Espiritismo só deu certo no Brasil porque somente o Brasil tinha condições culturais para esse fenômeno foi para nós mais um prazer ideológico do que a angústia de um desafio. A afirmação de Flávia Varela até pode ter sido feita com intenção de menosprezo, tentando passar a idéia de que os brasileiros são ingênuos e fascinados por idéias importadas. No entanto, para nós, a afirmação significou o reconhecimento de uma das características mais interessantes da diversidade cultural e racial do povo brasileiro. No conceito popular, o Espiritismo no Brasil é sempre associado aos cultos afro-indígenas, exatamente porque neles encontramos elementos de identificação comuns: a existência de Espíritos, a comunicação entre vivos e mortos pela mediunidade, as práticas curativas e assistenciais, incluindo as de natureza psicológica e, finalmente, a religiosidade. Para falar desse assunto tivemos que recorrer à sociologia e à antropologia, notadamente aos estudos que se concentram no período colonial e que explicam as nossas origens culturais mais remotas. A obra “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freire, foi utilizada, por exemplo, para mostrar que a idéia de “macumba”, aplicada pejorativamente pelos adversários às práticas espíritas, pode também ser aplicada aos rituais litúrgicos da missa católica e das cerimônias de exorcismo das

igrejas protestantes, a ou ainda à catarse coletiva das reuniões igrejas pentecostais.

Como o fio condutor do livro foi adquirindo características historiográficas, tivemos que reacomodar, diversas vezes, a disposição dos capítulos até chegar a um formato definitivo. Dividimos os textos em duas partes, numa ordem cronológica: a primeira parte contextualiza historicamente o Espiritismo a partir do século 18, passando pelo surgimento da doutrina até a morte de Allan Kardec, em 1869; a segunda parte segue o mesmo modelo, de 1870 até 2001, enfatizando o surgimento do movimento espírita e sua expansão, especificamente no Brasil. Dentro desse espaço cronológico enfocamos os assuntos, acontecimentos e personalidades que tiveram influência marcante na História do Espiritismo.

CAPÍTULO III – O QUE ESCREVER E POR QUE ESCREVER.

Num sentido mais geral e na sua estrutura metodológica, o nosso livro é um diálogo da História com as demais ciências humanas. Nesse diálogo historiográfico, a Comunicação, no seu aspecto linguístico, foi elo de ligação entre todas elas, já que a linguagem e suas técnicas é que nos permitiram desenvolver as reflexões mais significativas dessa interlocução de vários conhecimentos. Ao definir o título e o caráter historiográfico do conteúdo do livro, naturalmente fomos conduzidos a elaborar um plano do conjunto da obra e, conseqüentemente, estruturar os capítulos de acordo com essa característica principal. O relato histórico deveria preencher todas as finalidades para as quais o livro seria lançado no mercado, desde as necessidades ideológicas até as de natureza comercial. Na sua atividade de pesquisa e também na elaboração e comunicação das suas sínteses, o historiador realiza como regra básica um diálogo permanente com inúmeras áreas do conhecimento. Também a produção do saber histórico, que é, ao mesmo tempo, a busca da especificidade e de uma “história total”, conduz naturalmente a esse “flerte” temático com a Filosofia e todas as chamadas Ciências Humanas. Por outro lado, é essa multiplicidade temática e metodológica que faz da História uma referência constante nos estudos dessas especialidades científicas. Nosso interesse por esse aspecto historiográfico não foi apenas uma opção aliada a nossa formação em História, mas principalmente a busca de uma abordagem mais ampla, na qual pudéssemos investigar de maneira mais solta e livre das limitações da especialidade. Caso contrário nos afastaríamos inevitavelmente de uma grande parte dos nossos leitores em potencial. Não queríamos

uma obra literária com as características do distanciamento erudito, e não nos víamos com aptidão para tanto, nem gostaríamos de vulgarizar os temas escolhidos, espremendo-os num relato superficial típico dos almanaques. Fomos encontrar essa flexibilidade em estudos de análise da historiografia²¹, que abriga diferentes modelos analíticos e conceituais. A pluralidade temática não significa dispersão de conhecimentos, mas uma postura equilibrada de diálogo e objetividade “interdisciplinar”. Dessa forma, ao pesquisar e escrever a História do Espiritismo tivemos pela frente uma diversidade de enfoques que não poderiam deixar de ser observados: a obra de arte, as articulações de poderes políticos e religiosos, os rituais, os costumes, as tradições, os desvios de comportamento, as resistências cotidianas, os valores presentes em imagens e textos, as relações e papéis interpessoais e intergrupais, e muitas outras.

Devemos fazer aqui também um parêntese para esclarecer um ponto que consideramos essencial para a compreensão da obra e dos seus conteúdos. Trata-se da natureza do conhecimento que é mais enfatizado nos capítulos, que é o chamado conhecimento revelado. Isso não significou nenhum prejuízo ou desprezo pelos demais. Muito pelo contrário, os conhecimentos empírico, científico, e filosófico, bem como suas variantes, foram ferramentas constantes para justificar essa utilização de informações reveladas.

Nas definições epistemológicas tradicionais, o conhecimento revelado é caracterizado geralmente por significações teológicas e dogmáticas, produtos de

²¹ “Historiografia e Novas Tendências da História”. Elias Tomé Saliba. Revista Catarinense de História, nº 4, 1996. “Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia”. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. Campus. Rio de Janeiro, 1997.

cosmogonias e concepções religiosas da antiguidade. Como já foi exposto, para o Espiritismo, o conhecimento revelado é diferente dessa perspectiva dogmática - onde não há possibilidade de contestação - e parte do pressuposto de que a verdade é sempre relativa. Apesar de lidar com temáticas filosóficas metafísicas, o Espiritismo diverge profundamente dessas abordagens religiosas tradicionais porque faz da práxis, da experimentação e do questionamento, instrumentos básicos de sua teoria. Para exemplificar esse caráter anti-sectário do Espiritismo, Allan Kardec, o seu principal filósofo, definiu corajosamente, em poucas linhas, o perfil de estreito compromisso que o Espiritismo tem com o tipo de verdade a que se propõe como defensor:

“O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará.”

Além dessa afirmação ousada, vejamos ainda o que escreveu, Kardec²², nessa mesma obra, sobre o conhecimento revelado:

“Definamos primeiramente o sentido da palavra **revelação**. **Revelar**, do latim ‘**revelare**’, cuja raiz é ‘**velum**’, véu, significa literalmente **sair de sob o véu**, figuradamente, descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar, a mais geral, é empregada no sentido de qualquer coisa ignorada que é esclarecida, de qualquer idéia nova que nos põe a par daquilo que não sabíamos.

Sob esse ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações, e se pode dizer que há para nós uma revelação incessante; a Astronomia nos revelou o mundo sideral que não conhecíamos; a Geologia, a formação da

²² “A Gênese”, capítulo 1.

Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Lapalace, Lavoisier são reveladores.

O caráter essencial de qualquer revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo, é fazer conhecido um fato; se é falso, não é mais um fato e, por consequência, não há revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de o ser; se é atribuída a Deus, Deus não podendo mentir nem enganar-se, ela não pode emanar Dele; deve ser considerada como um produto da concepção humana.”

Então, desde que não haja imposições conceituais, nem a interferência de teorias preconcebidas, pode haver uma convivência racional entre religião e ciência, porque, na prática, não há distinção essencial entre revelação teológica e científica; ambas não possuem condições de se considerarem absolutas e auto-suficientes em suas respectivas propostas de buscar e discutir a verdade.

Se o conhecimento revelado é visto como um conhecimento hipotético e autoritário, o científico muitas vezes também assume tais características verticais. Nesta observação Aldo Luiz Bizzochi²³ fica bastante claro que o discurso científico muitas vem mascarado pela pretensão da neutralidade objetiva:

“A Ciência, portanto não é o mundo, senão uma leitura do mundo pelo homem através da linguagem e a partir de um determinado ponto de vista. Decorre daí que a ciência é basicamente um discurso linguístico, que, como tal, produz e sustenta ideologia. Ela não é, por conseguinte, neutra, mas condicionada no mínimo por três ideologias: a ideologia da língua, a ideologia necessária de seu discurso e a ideologia contingente do cientista.”

²³ Artigo: “Tradução e filtragem cultural no discurso científico: algumas questões relevantes”. Revista Acadêmica de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Ano 1, nº2, São Paulo, 1998.

Não há, portanto, um monopólio nem exclusividade de competências nesse sentido, em qualquer área do conhecimento. Esse foi o motivo pelo qual optamos por escrever uma “História do Espiritismo”, sob os diversos aspectos, incluindo informações reveladas, de natureza não ortodoxa. Isso implica, é lógico, estarmos conscientes dessa relatividade científica ou revelada do nosso discurso.

Dessa forma, começamos o plano de trabalho pela elaboração de um sumário, contendo nove capítulos, cada um deles com diversos subtítulos dos temas e assuntos que consideramos marcantes e essenciais na História do Espiritismo. Aqui o conceito de “essencial” significa distinguir o que é ou não verdadeiramente importante na análise dos fatos e guiamo-nos por uma regra analítica básica da historiografia: ter sempre em mente que os acontecimentos, fatos conjunturais de curta duração temporal, estão relacionados com causas estruturais, de longa duração. Portanto, trabalhar na perspectiva historiográfica não era apenas organizar e narrar os acontecimentos dentro de um módulo linear e cronológico. Era necessário articular esses fatos entre si, sem perder de vista o objetivo original da obra. Obviamente essa narrativa histórica reflete o nosso ponto de vista e uma concepção específica que temos da doutrina espírita e do movimento doutrinário. Isso foi praticamente inevitável: o nosso estilo e sua estrutura textual estão repletos de significações que refletem nossos valores e ideologias pessoais. Contudo, fizemos um tremendo esforço para não fugirmos do caráter científico-racionalista, procurando distinguir sempre sujeito e objeto nessas interpretações. Naturalmente isso influenciou muito na escolha de autores afins e adequados para a composição de referências bibliográficas e na articulação de idéias que procuramos enfatizar nos capítulos.

No caso da bibliografia espírita, como toda a produção cultural que se realiza dentro desse movimento, a literatura é direcionada especificamente para determinadas atividades e públicos-alvo. No seu conjunto, a doutrina espírita possui um tríplice aspecto, que forma grupos, gera tendências e direciona todas as atividades do seu movimento social. É praticamente consenso, nesse meio, que o Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência, com objeto e metodologias próprias de pesquisa; uma filosofia, com um conjunto de doutrinas que abrangem a ética, a moral, a psicologia, sociologia, a educação, a arte e outras manifestações do conhecimento; é também uma religião, pois está estruturada nas concepções teológicas e no modo vida judaico-cristão, o “religare” entre a criatura e o Criador.

Essa diversidade doutrinária dá ao seu movimento uma característica plural, tanto na preferência dos aspectos citados como também na prática dos seus princípios. Assim, a grosso modo, os adeptos da ciência dedicam-se a múltiplas atividades de pesquisa em diversos campos: a mediunidade, a parapsicologia, a psicologia, a pedagogia, as curas e terapias alternativas, etc. Esses adeptos da ciência espírita estão estreitamente ligados aos cultuadores da filosofia e das fontes de conhecimento que lhe são consequentes, como, por exemplo, a historiografia, as artes e comunicação (jornalismo, literatura, música, teatro, cinema, artes plásticas, etc.). Finalmente, no campo da religião, os espíritas seguem os passos do cristianismo primitivo, fundando “igrejas” ou núcleos independentes, onde a ideologia dominante motiva os estudos evangélicos, a prática de orações e de trabalhos mediúnicos, a prática da caridade cristã, feita através do atendimento assistencial e terapêutico, etc. Essas três principais tendências raramente se manifestam de forma isolada e costumeiramente são praticadas nos mesmos núcleos, em ocasiões e circunstâncias diferentes; é nelas que

estão as raízes das divergências de opinião e de ação no movimento espírita. Muitas dessas características, que formam as nossas concepções doutrinárias e práticas sociais espíritas, aparecem na elaboração do livro através de enfoques de assuntos, fatos, personalidades, críticas e opiniões sobre assuntos doutrinários ou de controvérsia, etc. Mesmo assim, tentamos dar no livro um panorama geral sobre o Espiritismo e o movimento social espírita, sem que esse relato representasse unicamente uma visão pessoal da universalidade do assunto. Para tanto, usamos e abusamos das citações de documentos, muitos em versão integral.

O plano inicial do livro foi modificado várias vezes, por diversos motivos, geralmente pelas mudanças ocorridas durante o processo de elaboração de textos, com a introdução de novas referências bibliográficas, na identificação de erros conceituais; equívocos de datas, nomes e fatos. Enfim, o plano geral e o sumário da obra tiveram que ser constantemente reavaliados para que fossem adaptados à dinâmica da redação dos capítulos, alterando-se também a escolha dos assuntos principais. Estes, em nosso ponto de vista, representam a essência daquilo que nos propusemos a realizar e abrangem praticamente todas as questões que nos motivaram a publicá-lo:

SUMÁRIO

Uma História Científica e Revelada / Nota do autor.

Nessa nota de apresentação procuramos contar rapidamente a história do livro, expondo os motivos que nos levaram a escrevê-lo e algumas justificativas sobre o uso de citações.

1ª PARTE: Cronologia e Contexto

Principais fatos históricos: de 1744 a 1869

A sequência cronológica começa com o registro dos primeiros fenômenos, como fatos precursores, e encerra com o falecimento de Allan Kardec. Foram incluídos acontecimentos universais e também da História do Brasil.

Capítulo 1 – A GUERRA DOS MUNDOS

A abertura do capítulo é feita através de uma analogia entre o Espiritismo e o célebre programa radiofônico veiculado por Orson Welles em 1938, nos EUA. O eixo dessa comparação são fenômenos de Hydesville, em 1848, relatados por Sir Arthur Conan Doyle na sua “História do Espiritismo”.

1.1. A Tradição e o Dogma;

1.2. O Tráfico e a Traição;

Nesses dois itens fizemos um pequeno ensaio sobre a História das religiões e uma análise da função social e política dogma religioso. A base dessa discussão foi a teoria das “Cinco alternativas da humanidade”, de Allan Kardec, mostrando a semelhança entre a situação de crise e impasse em que se encontra a fé no século 19 com a que ocorre no mundo contemporâneo.

1.3. O Investigador;

1.4. As Mesas-girantes;

1.5. Os Espíritos;

1.6. O Medo da Morte.

Antes entrar propriamente no assunto, fizemos uma introdução gradual do contato de Allan Kardec com os primeiros fenômenos espíritas, através de rápidas definições conceituais e as repercussões desses acontecimentos.

O capítulo é concluído com uma reflexão sobre o problema da morte, na perspectiva antropológica da época, e ilustrada com uma comunicação mediúnicamente extraída do livro “Céu e o Inferno”, dada pelo Espírito de um homem que havia sido enterrado vivo.

Capítulo 2 – A INICIAÇÃO E O ERRO

2.1. A Evocação de Sócrates;

2.2. Contra o Totalitarismo;

2.3. Os Apóstolos da Idéia;

O primeiro item conta em detalhes a trajetória do Professor Hyppolyte-Léon Denizard Rivail, que mais tarde adotaria o pseudônimo de Allan Kardec. Falamos sobre a sua iniciação no Espiritismo, das primeiras experiências com o magnetismo mesmeriano até o seu histórico encontro, em Paris, com o amigo Carlotti, que lhe fala sobre alguns aspectos inéditos do modismo das mesas-girantes.

Nos dois últimos itens expomos o confronto natural que vai se estabelecer entre o Espiritismo e as Igrejas; o Espiritismo é a versão moderna heresia dos “Pobres de Lyon”, precursores do lema “Fora da caridade não há salvação”, que se opõe ao conceito dogmático católico “Fora da Igreja não há salvação”. Mostramos também que o totalitarismo político contemporâneo tem suas raízes na Igreja medieval e que a prova disso é que ela foi a principal fonte inspiradora da estrutura e da estética do nazi-fascismo. Obras clássicas sobre o totalitarismo e principalmente “Psicologia de Massas do Fascismo”, de Wilhelm Reich, foram utilizadas para evidenciar essa idéia.

Capítulo 3 – UM SÉCULO PERIGOSO

3.1. Os dois Voltaires;

3.2. A Cidade-luz;

3.3. O Positivismo e a Religião;

3.4. Nietzsche e o Super-homem;

3.5. O Declínio da Igreja;

3.6. *O Espiritismo banido da História.*

Nesse capítulo concentra-se o eixo histórico do surgimento do Espiritismo e do seu confronto com as teorias materialistas. Apesar da oposição das Igrejas, a doutrina espírita era vista como uma ferramenta de questionamento das especulações filosóficas que negavam o transcendente. Destaca-se também um perfil histórico da cidade de Paris, o cenário principal dessa revolução, desde suas mais remotas origens romanas até as reformas empreendidas pelo Barão Haussmann a partir de 1870.

No encerramento fizemos uma reflexão sobre os motivos que pelos quais o Espiritismo veio sendo ignorado pelas ciências humanas, sobretudo a Filosofia e a História.

Capítulo 4 - A BÍBLIA E A RAZÃO

4.1. A Alta Crítica da Bíblia;

4.2. A Palavra de Deus;

4.3. Os Vivos e os Mortos;

4.4. O Espírito de Verdade;

4.5. Uma telha;

4.6. Descrição da obra de Allan Kardec:

A Base: O Livro dos Espíritos;

A Prova Científica: O Livro dos Médiuns;

A Moral e a Religião O Evangelho Segundo o Espiritismo;

A Justiça Divina: O Céu e o Inferno;

As Origens e o Destino: A Gênese.

Esse capítulo descreve e mostra os efeitos das obras de Allan Kardec, entre 1857 e 1868, e como o Espiritismo se posicionou habilmente ante as rejeições do materialismo e do dogmatismo religioso. O ponto central das discussões entre materialistas e dogmatistas era problema da historicidade da Bíblia, fortemente atacada por um grupo de pensadores conhecidos como a *Alta Crítica*. O lançamento bostônico do livro “*A Vida de Jesus*”, de Ernest Renan, em 1863, colocou mais lenha na

fogueira dos extremismos. As duas primeiras obras de Allan Kardec (“O Livro dos Espíritos” e o “O Livros dos Médiuns”) haviam permanecido no terreno filosófico e científico. Mas agora o Espiritismo teria que entrar inevitavelmente no terreno religioso, pois o cerco materialista estava se fechando e causando profundos danos morais na sociedade cristã. A resposta dos Espíritos veio através de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cujo impacto moral vai silenciar as críticas mais exageradas sobre o cristianismo, porém vai destronar a Igreja do comando e relativizar a sua autoridade sobre a religião cristã. Tempos depois, Kardec publica “O Céu e O Inferno” e finalmente “A Gênese”, encerrando o seu “pentateuco”, que na verdade era uma ampla revisão do Antigo e Novo Testamentos.

Capítulo 5 – A FÚRIA DO CLERO

- 5.1. A Maçonaria;*
- 5.2. O Socialismo;*
- 5.3. As pedras vão falar;*
- 5.4. Mudanças à Vista;*
- 5.5. O Perigo da Clericalização;*
- 5.6. “Evangélicos” e Protestantes.*

As repercussões das obras de Allan Kardec haviam causado graves prejuízos aos interesses institucionais das Igrejas católicas e protestantes. Aqui fizemos um relato dessas repercussões, mostrando como o clero vem reagindo nos últimos 145 anos frente aos postulados do Espiritismo e sua propagação social. O destaque do capítulo é a tentativa das Igrejas em cooptar ou clericalizar o Espiritismo, adotando práticas e conceitos que antes eram radicalmente negadas por elas, como a prática mediúnica de uso exclusivamente sacerdotal. Mostramos também que algumas lideranças católicas e protestantes já admitem o Espiritismo como uma revelação e uma vertente mais autêntica do cristianismo.

Capítulo 6 – O MEIO E A MENSAGEM

- 6.1. O Triunfo de Tomé*

6.2 *A Busca da Verdade;*

6.3. *A Reconstrução da Fé;*

6.4. *A Era do Espírito.*

É o encerramento da primeira parte do livro, na qual refletimos sobre a vida e obra de Allan Kardec. Sua discreta aparição pessoal no cenário filosófico e científico no século 19 marcaria a transição antropológica da Era do Homem Positivo e Científico, da sociedade industrial, para a Era do Homem Psicológico, da nova sociedade que agora começa a se delinear no Terceiro Milênio. Independente das ordens políticas, essa nova Era marca uma nova revolução da inteligência humana, que se caracteriza pelo desabrochar da mediunidade intuitiva, substituindo a instintiva, e facilitando o desenvolvimento das múltiplas capacidades cognitivas na construção da Humanidade futura.

O título do capítulo é uma referência às teorias de Marshall McLuhan sobre os efeitos da tecnologia (extensões artificiais dos órgãos humanos) na inversão dos conceitos de “meio” e “mensagem” e como a mediunidade, enquanto meio de comunicação e extensão da mente humana, recoloca as coisas nos seus devidos lugares.

O primeiro subtítulo conduz o restante do capítulo e é uma comparação entre o Apóstolo Tomé e Allan Kardec, ambos símbolos do ceticismo e do posterior reconhecimento da imortalidade como fato real: ambos condicionaram sua fé no conceito de “ver para crer”. Alguns Espíritos afirmam que Allan Kardec foi a reencarnação do próprio São Tomé e também do sacerdote católico Jan Huss.

2ª PARTE: Cronologia e Contexto

Principais fatos históricos: de 1870 a 2001

Esta sequência cronológica combina os principais acontecimentos históricos universais e brasileiros com o surgimento e a propagação do movimento social espírita.

Capítulo 7 – O MOVIMENTO ESPÍRITA

- 7.1. *A “Revue Spirite”;*
- 7.2. *A Sociedade Espírita de Paris;*
- 7.3. *Quem eram os Espíritas?*
- 7.4. *O Espiritismo no Brasil;*
- 7.5. *João do Rio descreve a Federação;*
- 7.6. *Semelhanças e Diferenças;*
- 7.7. *Kardec Espírito se comunica;*
- 7.8. *Quem somos? Aonde vamos?.*

A Revista Espírita, fundada por Allan Kardec em 1858, é apontada como o marco do movimento social espírita, pois nela está registrada a história da Sociedade Espírita de Paris, da qual era o seu veículo de comunicação, e dos acontecimentos que marcaram a trajetória do Espiritismo nos primeiros dez anos. É nesse capítulo que procuramos mostrar como o Espiritismo foi desaparecendo na França e ao mesmo tempo crescendo no Brasil. Tentamos traçar um perfil dos espíritas a partir das análises de Allan Kardec e também das tendências que a doutrina foi adquirindo na sua propagação em nosso país.

Capítulo 8 – A GUERRA DE IDÉIAS

- 1.1. *A Ruptura dos Dogmas;*
- 1.2. *Os Seis Períodos do Espiritismo;*
- 1.3. *Eurípedes Barsanulfo;*
- 1.4. *Cairbar Schutel;*
- 1.5. *Bezerra de Menezes;*
- 1.6. *O Guia Ismael;*
- 1.7. *Anália Franco;*

Trata-se de um desdobramento do capítulo anterior, onde acompanhamos o crescimento da doutrina espírita no Brasil através da experiência de um Espírito desencarnado e de quatro personalidades encarnadas que manifestaram uma curiosa vivência apostólica do Espiritismo no Brasil,

na passagem do século 19 para o 20: o Espírito Ismael, a poetiza e jornalista Anália Franco, o médico e deputado Adolfo Bezerra de Menezes, o farmacêutico Cairbar Schutel e o educador Eurípedes Barsanulfo. É possível que nessas experiências, respaldadas num estreito relacionamento entre vivos e mortos, esteja a explicação da forte repercussão das idéias de Allan Kardec no Brasil. Essas pessoas se tornaram referências de conduta e compreensão dos valores morais do Espiritismo, bem como do seu exercício social.

Capítulo 9 – NOVOS APÓSTOLOS

9.1. Movimento Espírita no século 20;

9.2. Edgard Armond;

9.3. O Sonho de Unificação;

9.4. J. Herculano Pires;

9.5. Chico Xavier.

A expressão “Novos Apóstolos” é uma referência aos pioneiros da vivência espírita-cristã, através do aparecimento de novas personalidades que vão causar profundas mudanças no movimento espírita no Brasil e em outros países: o coronel Edgard Armond; o médium Francisco Cândido Xavier e o jornalista J. Herculano Pires. O estudo de suas vidas, de suas idéias e do contexto em que foram desenvolvidas sintetizam a história do Espiritismo no século 20.

CAPÍTULO IV – O LIVRO TOMA CORPO E FORMA

Escrever sobre a história da doutrina espírita e o seu movimento social é sempre um convite tentador à polêmica e à controvérsia. Isto porque uma das suas marcas ideológicas é a “heresia”, cujo sentido grego de autonomia de pensamento viria influenciar mais tarde as principais formas de contestação no campo da filosofia e da religião. A tradição herética na França veio de Lyon, cidade onde nasceu Allan Kardec e cujo passado histórico foi marcado por movimentos religiosos que reivindicavam a pureza do cristianismo contra a ortodoxia e os abusos do clero romano.

A maçonaria e o liberalismo serão outras duas importantes correntes do comportamento e do pensamento contestador que irão influenciar o Espiritismo. Essas características se manifestam em praticamente todos os grupos espíritas, mas são preservadas e alimentadas principalmente pela literatura. Os livros de temática espírita, em vários estilos, difundem a heresia de forma espontânea, porque ela sintetiza a necessidade de um cultivo constante da liberdade de pensamento e expressão. Seja no romance, no ensaio filosófico, na poesia ou no teatro, a doutrina se manifesta na forma de idéias que naturalmente se chocam com os dogmas religiosos e com o comportamento ortodoxo. Autores como Léon Denis, Camille Flammarion, Gabriel Delane, Bezerra de Menezes, Cairbar Schutel, Edgard Armond ou Herculano Pires leram a realidade e os problemas humanos sob uma ótica diferenciada e propõem mudanças no pensar e no agir que contrariam os procedimentos e costumes formalizados e tradicionais. Com os autores desencarnados (espíritos) como Emmanuel, André Luiz e, sobretudo os autores da Codificação, essas características se acentuam. Do ponto de vista das instituições e dos costumes tradicionais, a literatura espírita e seus autores hereges poderiam ser classificados como agentes “subversivos” que incitam a formação de uma nova ordem. Mas do ponto de vista dos próprios espíritas, o Espiritismo jamais poderia se estabelecer como instituição estável e homogênea, pois do seu próprio meio brotariam sempre manifestações contrárias a essa formalização.

Quando iniciamos a pesquisa bibliográfica que iria fornecer as bases teóricas e metodológicas para a redação do livro, logicamente usamos o plano geral da obra e os temas dos capítulos como roteiros básicos para a seleção de autores e idéias que fossem úteis e convenientes na redação dos

textos. Como era previsível, essa busca foi o principal fator das constantes mudanças de plano e orientação da obra. Isso porque a maioria desses autores revelava esse perfil herético, incluindo os não espíritas. A cada contato que tínhamos com essas obras, ocorriam mudanças de ponto de vista sobre determinados assuntos, descobertas de novos enfoques e abria-se, cada vez mais, a possibilidade de preencher as lacunas criadas pelos títulos atrevidos e pretensiosos que havíamos escolhido previamente para os capítulos. Em determinados momentos tínhamos a nítida sensação de que escolhêramos o caminho errado, o inverso da elaboração da obra, isto é, preconcebêramos uma estrutura e agora não dávamos conta de que, mesmo planejada, essa estrutura foi tomando vida própria, fora do nosso controle; tornou-se, como era natural, essencialmente dinâmica e nunca se enquadraria no modelo rígido original. Por outro lado, essas situações contraditórias geravam problemas e impasses na articulação de informações e idéias, forçando a busca de soluções em novas fontes. Entendemos que a elaboração de um trabalho como esse era realizado num processo dialético, onde as crises e impasses, como agentes de transformação, é que permitem a realização satisfatória do percurso técnico do redator.

Foi assim que uma pequena lista de autores, geralmente biógrafos de Allan Kardec e de alguns de seus mais destacados seguidores, foi crescendo e se diversificando até que chegasse num ponto, não definitivo, mas compatível com os objetivos iniciais que havíamos proposto.

Também ficou bastante claro nessa experiência que o Espiritismo não é uma manifestação isolada da realidade social e do contexto histórico no qual os seus adeptos o vivenciam. Para falar de Espiritismo não basta apenas comunicar a sua doutrina; é necessário situá-la socialmente e entender o contexto histórico no qual ela nasceu e esteve inserida. Apesar da abundância dos fenômenos de paranormalidade, do misticismo, da religiosidade e todas as características incomuns que ela vem manifestando, não podemos esquecer que tudo aconteceu num determinado tempo, percebido e vivido pelos seus agentes históricos, e num determinado espaço geográfico e social. Escrever sobre o Espiritismo e o seu movimento implica, então, no reconhecimento dos principais fenômenos sociais que o cercam e do qual ele surgiu como força social e referência existencial na leitura da realidade. Apesar de ser um conhecimento revelado - com base científica e filosófica, mas, ainda assim,

essencialmente revelado - tivemos que mostrar que o Espiritismo veio influenciando a sociedade exatamente porque dela havia recebido importantes influências.

Um outro detalhe desse processo, e que achamos oportuno relatar aqui, é que, mesmo sabendo dos limites e problemas de um plano de trabalho, no caso o plano geral da obra e a estrutura dos capítulos, ele foi muito importante como ferramenta de organização. O plano nos deu sempre uma idéia de conjunto e esta característica serviu constantemente como um guia nos rumos que o trabalho foi tomando. Cada vez que alterávamos um determinado trecho de um texto, tínhamos que verificar as implicações dessa alteração no conjunto da obra. Em inúmeras vezes, ao identificarmos erros e aceitarmos sugestões para a inclusão e ou exclusão de informações, tivemos que adaptar essas mudanças em outros capítulos nos quais essas informações haviam sido citadas. Sem o plano de obra isso seria praticamente impossível e tornaria o trabalho sem orientação e unidade.

A redação dos textos que iriam compor os capítulos foi sendo conduzida da forma mais espontânea possível, mas o seu conteúdo dissertativo, de estilo filosófico e historiográfico, exigia sempre a consulta de fontes bibliográficas. Cada idéia, cada argumentação e cada conclusão exigiam fundamentos teóricos e confirmação de dados para que os fatos e as teses não ficassem comprometidas sob nenhum aspecto. Isso não representou um problema de difícil solução, pois tudo acontecia de maneira quase que automática: ao narrar determinados episódios ou teses, tínhamos que interromper o trabalho nos pontos cruciais, ou seja, era necessário analisar o discurso que estava sendo construído, testá-lo com antíteses, para verificar seu sentido lógico. Em muitos casos, ao identificarmos contradições, tivemos que engavetar os textos e, paralelamente, desenvolver outros que não dependiam dessas pausas. Esse procedimento de “engavetar” era um compasso de espera muito importante para clarear idéias, eliminar excessos, preencher lacunas, enfim, um velho recurso de comunicação verbal muito utilizado por redatores que não sofrem as imposições do tempo e dos prazos. Isso acabou tornando-se uma regra geral para todos os capítulos: na medida em que iam sendo produzidos, os textos eram guardados, revistos e modificados num constante processo de acabamento. Era, contraditoriamente, uma espécie de “finalização sempre inacabada”.

1. SIGNOS E SIGNIFICADOS

Com quem estamos falando? Aonde queremos chegar?

Essas perguntas básicas, consagradas como eternos sinais na bússola dos redatores, raramente eram utilizadas de forma consciente na condução da narrativa dos textos. Ao escrevê-los tínhamos em mente apenas dar conta de expor as informações que considerávamos necessárias ao esclarecimento dos assuntos propostos. Esse impulso egoísta e unilateral, de quem está apenas preocupado em convencer, atropelava todas as regras do processo técnico de redação - pois era a própria anti-comunicação - mas era incontrolável, pois temíamos que, obedecendo regras, prejudicaríamos a fluidez de idéias e palavras, a construção de frases e principalmente a conclusão de raciocínios. Preferimos deixar que esses problemas técnicos fossem solucionados numa fase posterior.

Mas, nesse aspecto, surgiu um obstáculo que não poderia ser adiado. Era o problema da linguagem e do vocabulário. Num livro sobre Espiritismo, com temas tão pretensiosos e desafiadores, não poderíamos deixar de considerar que o público-alvo era um fator essencial e que a linguagem e o vocabulário a serem utilizados também seriam elementos importantes no estabelecimento da relação de comunicação com o leitor. Mas não estamos nos referindo ao vocabulário comum, de expressão idiomática, e sim à linguagem específica que iria predominar na narrativa sobre o assunto central do livro. O Espiritismo, como fenômeno natural, é tão antigo quanto a Humanidade, mas como doutrina, percepção filosófica e científica, tem apenas poucos mais de 145 anos. Sua sistematização no século 19 teve que ser ajustada aos parâmetros das chamadas ciências positivas, mas suas características não se adequavam totalmente aos modelos científicos vigentes, mesmo porque a sua fenomenologia nunca tinha sido analisada sobre esse prisma. Problema semelhante ocorreria com a Semiótica, cujo nascimento algum tempo depois do Espiritismo, também não se adequava àqueles sistemas, pois vislumbrava novos paradigmas científicos. Na concepção Thomas S. Kuhn²⁴, paradigma “...é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma.” Charles Sanders Peirce (1839-1914), que enxergou nessa nova ciência da linguagem todo um universo novo a ser definido e compreendido na comunicação, teve

²⁴ “ A Estrutura das Revoluções Científicas”, posfácio da 2ª edição, página 219. Editora Perspectiva. São Paulo, 1978.

que oferecer para essas novidades explicações e denominações igualmente novas. Era necessário formar uma comunidade para compartilhar tais paradigmas. Sobre essa opinião de Peirce, a respeito das coisas e seus significados, Lúcia Santaella²⁵ escreveu:

“ Peirce era adepto da criação de novas palavras para designar significados científicos novos. Sua terminologia é, nessa medida, estranhíssima.”

A mesma autora²⁶ justifica assim as intenções de Peirce ao reivindicar uma abrangência maior para a ciência que estava sendo fundada:

“Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido.”

Foi de maneira muito semelhante que surgiram e repercutiram os paradigmas que dariam origem à Doutrina Espírita. Ao sistematizar o Espiritismo em 1857, portanto, quando Peirce tinha apenas 18 anos, Allan Kardec (1804-1869) também teve que empreender um novo processo de codificação e depois compartilhá-lo com uma comunidade de pesquisadores da fenomenologia que vinha observando desde 1854 e, a partir disso, elaborar um vocabulário específico para explicá-la. O próprio vocábulo “Espiritismo”²⁷ foi um neologismo desenvolvido como consequência dessas observações desse período, para evitar, segundo Kardec, graves equívocos de comunicação:

²⁵ “O que é Semiótica”, item “Uma arquitetura filosófica”, página 40.

²⁶ Idem, página 14.

²⁷ “O Livro dos Espíritos”, introdução, item I.

“Para as coisas novas necessitamos de palavras novas, pois assim o exige a clareza de linguagem, para evitarmos a confusão inerente aos múltiplos sentidos dos próprios vocábulos. As palavras **espiritual, espiritualista, espiritualismo** têm uma significação bem definida; dar-lhes outra, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas da anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite haver em si mesmo alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras **espiritual** e **espiritualismo** empregaremos para designar esta última crença as palavras **espírita** e **espiritismo**, nas quais a forma lembra a origem e o sentido radical e que por isso mesmo têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando para **espiritualismo** a sua significação própria. Diremos, portanto, que a **Doutrina Espírita** ou o **Espiritismo** tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. O adeptos do Espiritismo serão os **espíritas**, ou, e se o quiserem, os **espiritistas**. Como especialidade o “**Livros dos Espíritos**” contém a **Doutrina Espírita**; como generalidade liga-se ao **Espiritualismo**, do qual apresenta uma das fases. Essa a razão porque traz sobre o título as palavras: **Filosofia Espiritualista**.”

Ao reconhecer e estabelecer as bases da existência e das relações entre dois mundos diferentes, o físico e metafísico, as palavras e seus significados tornaram-se, então, o ponto de partida de toda essa ampla discussão sobre o aparecimento do Espiritismo e da fenomenologia que lhe antecederam como doutrina. Era preciso distinguir os fenômenos sob a ótica científica da naturalidade daqueles outros que não possuíam essa característica. Essa diferença de percepção entre o natural e o sobrenatural é que fez surgir o vocábulo Espiritismo; tanto é que, tudo o que não foi explicado, ou o que não foi aceito como explicação espírita, continuou sendo considerado como sobrenatural, paranormal, mistério, magia, dogma, etc. Aliás, esse vem sendo também o dilema da Psicanálise²⁸ que, apesar da clareza e da racionalidade da sua linguagem e da sua perspectiva filosófica, ainda não convence a todos, do ponto de

vista da ortodoxia científica, que alega que as idéias de Freud não puderam ser verificadas ou refutadas empiricamente, sendo vista apenas como uma ideologia e um sistema de crenças.

Existem mais semelhanças na comparação histórica do Espiritismo com a Semiótica, pois ambos surgiram a partir da fenomenologia da comunicação, cujos sinais aparentemente inexplicáveis e incompreensíveis ainda não tinham sido corretamente decodificados pela linguagem socialmente predominante naquele contexto histórico. Isso também vale para a Psicanálise, cujos conceitos de “comportamento”, “personalidade” e “mente” não conseguiram ser distinguidos da fenomenologia fisiológica e orgânicas. Muito antes que o filósofo Henri Bergson²⁹ publicasse suas conhecidas teses sobre psicologia e o universo mental, Allan Kardec já havia distinguido filosoficamente e empiricamente o cérebro da mente, mostrando que os Espíritos são inteligências humanas, ou que já superaram essa condição, que se manifestam independente do corpo e do cérebro. Este foi um dos pilares paradigmáticos do Espiritismo e que contribuiu para a formação de comunidade científica que passou a explorar esse universo. No entanto, outras comunidades o trataram com fingida indiferença, alegando ser este assunto uma “outra ordem de coisas”. Esse conceito, ou antes preconceito, de “outra ordem de coisas”, era o receio de não poder dominar e explicar o fato novo; é o medo de uma linguagem específica que, para ser aceita, teria que ser estabelecida como pacto social, uma espécie de consagração pela prática grupal na busca de reconhecimento e legitimação desse novo discurso científico-religioso, que era rejeitado pela ortodoxia. Demorou muito para que a Semiótica e o Espiritismo fossem dissociadas de referências que nada tinham a ver com as suas investigações. A ciência de Peirce preservou-se mais dessa distorção porque dava os seus primeiros passos e não representava, naquele contexto, nenhuma ameaça explícita a qualquer tipo de conhecimento ou estrutura clerical, acadêmica ou religiosa. A mesma sorte teria a Psicanálise, cujo caráter materialista e de elite se acomodou melhor aos meios intelectuais privilegiados. Mas a ciência de Allan Kardec, proposta e definida como um fato novo, específico para o contexto da época, enfrentaria sérias dificuldades para ser reconhecida nos segmentos mais formais, em todos os seus aspectos. Seu caráter questionador e de repercussões polêmicas despertaria incompreensões e graves perseguições para os seus cultuadores e admiradores. Era um discurso que aos poucos foi perdendo sua significação curiosa e aparentemente inofensiva para

²⁸ “3 questões sobre Sigmund Freud”, por Nelson Acher e Beth Fuks. Caderno Mais - Folha de São Paulo, 10 de setembro de 2000.

assumir aspectos ameaçadores e marginais, logicamente do ponto de vista dos seus adversários. Citando Michel Foucault, Mayra Rodrigues Gomes³⁰, ao analisar as diversas formas de legitimações do discurso, nos ajuda, mesmo num outro tipo de enfoque, a compreender, o porque dessa mudança na maneira de encarar o Espiritismo:

“A palavra proibida, em ordem decrescente, aos escravos, crianças e mulheres, determina o lugar de gestação dos discursos, lugar que por sua vez se constituirá por seus interesses. Os rituais de comunicação hierarquizados (só dirigiremos a fala ao soberano se formos interpelados, por exemplo), constróem o mesmo sistema de interdição em que se firma (legítima) o lugar de **verdade** pela proibição de outras vozes. A idéia de que todos podem falar é historicamente recente: nasce com o pensamento sobre a igualdade dos homens e a ideologia que lhe seguiu”.

Utilizando um mesmo trecho dessa autora, podemos entender que, mesmo nascendo sobre o contexto social do liberalismo, a linguagem da Doutrina Espírita destoava completamente daquilo que era visto como óbvio e socialmente normal:

“Se a fala do louco é na antiguidade a voz cifrada dos deuses, isso é possível desde que haja uma discursividade da crença que contemple *deuses, intermediários entre homens e deuses* e, sobretudo, *uma palavra de deuses dirigida aos homens*. Em qualquer outra concepção de mundo o louco será outra coisa, como podemos testemunhar mais tarde, com a hegemonia do discurso das ciências biológicas, o fortalecimento da concepção de disfunção pela qual o louco passa a ser compreendido, isolado, e interdito socialmente. Naturalmente, o louco é, aqui, metáfora para todas as outras formas de interdição baseadas

²⁹ Will Durant, *História da Filosofia*”, capítulo X, página 413.

³⁰ “Jornalismo e Ciências da Linguagem”, página 47.

na disfuncionalidade, que serve, entretanto, para dar respaldo à *funcionalidade* do discurso dominante.”

Que exemplo melhor de metáfora poderíamos encontrar para lembrar os processos de interdição a que submeteram o Espiritismo desde o seu surgimento? Um artigo publicado em 8 de janeiro de 1863 no jornal “Salut Public de Lyon”³¹ relatava seis casos de loucura registrados naquela cidade e que seu autor, um certo Sr. Bulet, atribuía como causa a ligação dos enfermos com as práticas espíritas:

“(...) É, pois, de incontestável utilidade dar publicidade aos fatos dêste gênero, colhidos conscienciosamente, como o dos internos do hospital de Lyon. Não que haja a menor chance para agir sobre indivíduos já feridos pela epidemia. O caráter de sua loucura é precisamente a forte convicção de serem os únicos de posse da verdade. Em sua humildade, julgam-se com o dom de comunicar-se com os Espíritos, e tratam orgulhosamente a ciência que duvidam do seu poder. Vítimas da alucinação que os empolga, admitida a premissa, raciocinam a seguir com uma lógica inatacável, que não faz senão aferrá-los na aberração. Mas pode-se conservar-se a esperança de agir sobre as inteligências ainda sãs, tentadas a se exporem às seduções do Espiritismo, assinalando-lhes o perigo e assim as garantir contra esse perigo. É bom saber que as práticas espíritas e a frequência de médiuns – que são verdadeiros alucinados – é necessariamente malsã para a razão. Só os caracteres fortemente temperados podem resistir. Os outros aí sempre deixam uma parte, maior ou menor, do seu bom senso.”

Em 1865, o editor e ativista político francês Maurice Lachâtre publicou uma nova versão do seu “Novo Dicionário Universal”, já bastante conhecido do público europeu e norte-americano. Mas a edição trazia uma novidade que seria ao mesmo tempo o seu sucesso e a sua “desgraça” nessa carreira. Bem sintonizado com a conjuntura cultural da sua época, Lachâtre incluiu na sua obra todo o

vocabulário sobre o Espiritismo, que era visto então como novidade científica, que surgira na mesma linha do magnetismo do fisiologista austríaco Anton Mesmer. O magnetismo foi uma verdadeira coqueluche em Paris no final século 18. Os verbetes espíritas do dicionário tinham sido revisados pelo próprio Allan Kardec, que naquela ocasião já era bastante conhecido na Europa como o autor de “O Livros do Espíritos”, “O Livros dos Médiuns” e o “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, este último publicado em 1864. A idéia de Lachâtre logo seria imitada pelos concorrentes, sobretudo os editores da Enciclopédia Larrousse. Só havia um detalhe: quatro anos antes, Lachâtre, um militante socialista, tinha sido condenado a prisão por ter editado livros agressivos ao clero e, para fugir à pena, refugiou-se na Espanha. Ali estabeleceu-se como livreiro e foi envolvido num episódio que ficou profundamente marcado na história do Espiritismo: ao solicitar da Sociedade Espírita de Paris a importação de um lote de 300 de livros, o livreiro chamou a atenção das autoridades espanholas e a encomenda foi interceptada na alfândega, por ordem do bispo de Barcelona. O confisco foi seguido posteriormente pela queima dos livros em praça pública num auto-de-fé da Inquisição. O fato repercutiu em toda a Europa, contra e a favor dos espíritas. Segundo Allan Kardec³², esse episódio foi visto pelos Espíritos como o melhor impulso de propaganda que o Espiritismo já tivera desde o seu início.

Após esse e outros acontecimentos, o Espiritismo foi sendo banido da história, como uma linguagem social proibida: desapareceu gradualmente das enciclopédias e dos livros de História como se sua memória fosse sendo apagada pela indiferença aos fatos e aos documentos que atestavam sua veracidade como fenômeno social. A imprensa do século 19 e início do 20 é repleta de notícias, artigos, debates, resenhas literárias e citações sobre o Espiritismo, incluindo as personalidades que cultivavam suas manifestações culturais. Mas a historiografia, os biógrafos, os filósofos, artistas, todos foram silenciando e esquecendo qualquer tipo de informação que pudesse ser relacionada seriamente com essa doutrina. As pressões nas escolas e universidades, fortemente dominadas por religiosos, e também nos meios políticos, certamente contribuíram para essa retração.

Uma volumosa biografia lançada recentemente sobre o escritor Victor Hugo despreza claramente essas informações sobre o seu envolvimento com os fenômenos espíritas: durante o exílio nas Ilhas Jersey, Hugo conheceu madame Girardin, médium de efeitos físicos e que lhe iniciou nas

³¹ Transcrito e comentado por Allan Kardec na “Revista Espírita”, fevereiro de 1863.

mesas-girantes; mais tarde ele recebeu de presente da amiga e escritora George Sand (pseudônimo usado pela Sra. Dudenvant) um exemplar da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”.

Essa declaração de Victor Hugo, feita em 1854³³, esclarece melhor suas ligações com o Espiritismo:

“Tenho uma grave pergunta a fazer. Os seres que povoam o Invisível e que lêem os nossos pensamentos, sabem que há vinte e cinco anos me ocupo de assuntos que **a mesa** suscita e aprofunda. Mais duma vez **a mesa** tem me falado desse trabalho; a Sombra do Sepulcro incitou-me a terminá-lo. Nesse trabalho evidentemente conhecido no além, nesse trabalho de vinte e cinco anos, encontrara, apenas pela meditação, muitos resultados que compõem hoje **a revelação da mesa**; vira distintamente confirmados alguns desses resultados sublimes; entrevira outros que viviam no meu espírito num estado de embrião confuso. Os seres misteriosos e grandes que me escutam, vêm, quando querem, no meu pensamento, como se vê numa gruta com um archote; conhecem a minha consciência e sabem quanto tudo o que acabo de dizer é rigorosamente exato, que fiquei por momentos contrariado, no meu miserável amor-próprio humano, pela revelação atual que veio lançar à volta da minha lampadazinha de mineiro o clarão dum raio ou dum meteoro. Hoje, tudo o que eu vira por inteiro é **confirmado pela mesa**: e as meias revelações **a mesa as completa**. Neste estado de alma escrevi: ‘O ser que se chama Sombra do Sepulcro aconselhou-me a terminar a obra começada; o ser que se chama Idéias foi mais longe ainda e ordenou-me que fizesse versos atraindo a piedade para os seres cativos e punidos, que compõem o que parece aos não videntes a Natureza morta; obedeci. Fiz versos que a Idéia me impôs.’”

Essa convicção de Victor Hugo³⁴, para quem a doutrina espírita teve um significado filosófico-existencial e uma repercussão profunda em sua vasta obra, já não encontramos, por exemplo, nos autores contemporâneos, para os quais o Espiritismo tornou-se uma coisa do passado e apenas um

³² “Obras Póstumas”, item “O Auto –de- Fé de Barcelona”, página 250.

³³ Extraída do livro “Les Pionniers du Spiritism en France”, onde consta o texto “Victor Hugo et la table”, do DR. Bécourt. Citado pela Revista Literária Espírita “Delfos”, Ano I, nº04, setembro/outubro de 2001. Editora Boa Nova. Catanduva. SP

pretexto para motivações literárias despreocupadas e inconsequentes, como esta de Carlos Drummond de Andrade que citamos a seguir. O adjetivo “inconsequente” é um elogio à sua criatividade e bom humor no pequeno conto “A Mesa Falante³⁵”:

“Entre os móveis que perteceram ao médium Aksacovo Feitosa, leiloados após o seu falecimento, estava a mesa falante que durante vinte anos serviu a seu trabalho. Aparentemente não se distinguia de qualquer outra mesa, porém o longo hábito de prestar-se a experiências acabara por lhe conferir poderes independentes de iniciativa humana.

Convertida em mesa de jantar na casa do funcionário do Loyde Brasileiro que a arrematara, começou a *levitar* quando a família festava o aniversário da filha mais nova do casal, a menina Leonarda. O susto dos comensais foi imenso, e embargou-lhes a voz. Pálidos, ansiosos por fugir, e atados às cadeiras, todos acompanhavam os movimentos da mesa sem que pudessem detê-los. Durou cinco minutos o fenômeno. A família voltou a mexer-se, mas os copos estavam trincados e o vinho escorria deles sobre a toalha. Junto ao prato de Leonarda, a mancha rubra formava uma cruz, que foi interpretada como presságio lúgubre.

O pai da menina desfez-se do imóvel, doando a um asilo de velhos. A menina cresceu e casou-se com o nobre italiano Papavincini, cujo brasão encerrava uma cruz cor de sangue, e foram muito felizes. ‘a primeira vez em que uma história dessas acaba em casamento e felicidade.’”

Um dado curioso, que grifamos, é que o glossário elaborado para a coletânea na qual este conto faz parte esclarece assim a expressão “começou a levitar”:

“Nas experiência **mágicas**, o ato de levitar consiste em alguém (pessoa ou coisa) erguer-se acima do solo sem que nada visível o sustente.”

³⁴ “Victor Hugo Espírita”. Humberto Mariotti. Correio Fraternal do ABC. S.B. do Campo. 1989.

Também o vocábulo Espiritismo, criado pelo próprio codificador da doutrina, foi sendo apropriado e desviado do seu significado original. O cúmulo dessa apropriação indébita e deturpação de sentido foi sua utilização como sinônimo de tudo aquilo que negava e que procurava distinguir entre real e imaginário. Em algumas versões mais recentes de textos do Velho e do Novo Testamentos o neologismo criado por Kardec no século 19 consta, em vários trechos, como sinônimo de magia, bruxaria, adivinhação, contato ilícito com os mortos, etc. Em traduções e publicações patrocinadas por Igrejas³⁶ católicas e protestantes, dirigidas ao mercado brasileiro, essas inclusões completamente descontextualizadas do Espiritismo são bem mais explícitas. No Brasil esse desvio vocabular foi imensamente facilitado pela popularização das religiões afro-indígenas, que utilizam fartamente em suas atividades a prática do mediunismo. Aqui o Espiritismo tornou-se sinônimo de feitiçaria, associadas equivocadamente ao “candomblé” e a “umbanda”, mesmo porque essas duas manifestações não podem ser genericamente classificadas como “feitiçaria”. Mas foi um prato cheio para os adversários. A atração das massas por essas manifestações é tanta que as igrejas católicas e protestantes tentam cooptar adeptos incentivando o sincretismo ou investindo membros dessas comunidades, sobretudo as de origem indígena e africana, em cargos eclesiásticos. Temos como exemplo dessas estratégias das igrejas as “sessões de descarrego” feitas pela Igreja Universal do Reino de Deus, via TV, e as “missas ecléticas” em homenagem aos heróis que contestavam a escravidão e aos deuses da mitologia afro-brasileira.

A confusão vocabular foi um fenômeno popular, cujas origens são muitas, mas com certeza recebeu a contribuição das publicações inimigas do Espiritismo, ou então da literatura neutra, que muitas vezes se esforçava, dentro dos seus limites, para esclarecer o equívoco. Esta crônica de João Rio³⁷, publicada no início do século 20, nos dá uma idéia desse problema:

“Se quiseres andar um mês a visitar diariamente uma dezena de médiuns, não chegas a visitar a metade das casas de cura espírita que infestam a cidade. Os espíritas dizem que

³⁵ “Histórias para o Rei” - Conto. Coleção Mineiramente Drumond. Record. Rio de Janeiro, 1997.

³⁶ Ao contrário de algumas Bíblias católicas e protestantes, a única que mantém certa fidelidade aos textos originais é a tradução mais antiga de João Ferreira de Almeida. Mesmo assim, nas versões mais recentes desse tradutor foram incorporadas frases e termos que procuram camuflar os fenômenos espíritas relatados nos textos. Ver “Visão Espírita da Bíblia”, de Herculano Pires.

³⁷ “Os Dias passam...”, Citada por Cleusa Beraldi Colombo in “Idéias Sociais Espíritas”, tese de Mestrado em Sociologia defendida na PUC-São Paulo. Editora Comênus. São Paulo, 1997.

Sócrates foi espírita e Platão também, posto que vagamente. Com esta opinião assim vasta, quem se atira ao estudo das religiões, das ciências ocultas da nossa terra, verifica nas baixas camadas a fusão de todas as feitiçarias, de todos os ocultismos no Espiritismo. O povo, meu caro, não pode nem quer diferenciar. Para as mulheres que vão pedir amores, ou alívio das moléstias ou o bom humor do marido, tanto faz que seja uma cartomante, um preto mina mandingueiro, uma rezadeira, ou um médium. O principal é que as forças do mundo invisível venham prestar-se aos seus desejos e que se realize o milagre (...) Mais Espiritismo falso! É esta uma das causas que têm concorrido para o descrédito da doutrina. É perfeitamente incompreensível que os médiuns de profissão não tenham a prevenção dos espíritas sinceros. Na maioria dos centros espíritas dos Estados, a reputação dos mercenários bastaria para que os excluíssem de todos os grupos sérios, e onde para eles o ofício não seria lucrativo, por causa do descrédito de que se tornariam objeto, e da concorrência dos médiuns desinteressados que se encontram por toda parte (...) Quantas dúzias de barracas de espíritos há pela cidade? Há pelo menos, há no mínimo uma dezena delas, incluindo as cartomantes, as videntes sonambúlicas, os cínicos feiticeiros. Com exceção de uns dez mais espertos, todos absolutamente todos, ignoram os rudimentos da Doutrina Espírita, fazem uma deslavada mistura de santos com espíritos, organizam uma corte invisível, a seu talante, e berram aos ouvidos dos incautos a esperança da boa fortuna e da saúde.”

2. A SIGNIFICAÇÃO DA LINGUAGEM ESPÍRITA

Escrever sobre Espiritismo para espíritas e não espíritas é como escrever sobre sobre Semiótica e Psicanálise, nos seus primeiros tempos, para os iniciados e não iniciados: corremos sempre o risco de sermos mal compreendidos. Não se trata somente de uma ciência cujos conceitos convencionais são padrões conhecidos intelectual e socialmente. Por esse motivo incluímos, praticamente em todos os capítulos, a terminologia espírita criada por Allan Kardec e que constam em duas obras: “*O Livro dos Médiuns*” e “*O que é Espiritismo*”. O primeiro é o livro-síntese da parte experimental da doutrina, cuja autenticidade científica foi reconhecida por grande parte da comunidade científica da época e

posteriormente por nomes consagrados como Charles Richet (1858-1935)³⁸. O segundo é um livro de iniciação, separado da codificação, e que Kardec chamava “brochura”. A descrição mais detalhada das obras básicas da Doutrina Espírita estão no quarto capítulo do nosso livro (A Bíblia e a Razão), contendo uma introdução sobre o contexto histórico na qual foram publicadas e de documentos da “Revue Spirite” sobre os lançamentos. Ainda não sabemos se conseguimos saber se atingimos o objetivo de escrever sobre Espiritismo para espíritas e não espíritas. Como essa denominação vai além da linguística e cai na condição subjetiva e relativa de que se reveste essa capacidade de entedimento do iniciado ou não iniciado, buscamos o meio termo. Escrevemos ao mesmo tempo para os dois tipos de leitores, na certeza de que estávamos dialogando sempre com o imprevisível e o contraditório que é o ser humano: podemos ser profundamente incompreendidos e superficialmente compreendidos; e vice-versa.

Para esclarecer melhor esse raciocínio, sobre os enigmas e as tramas da linguagem, da qual nos referimos no item anterior, exemplificaremos com a narrativa de um fato relatado no Evangelho de São João, capítulo III, versículos de 1 a 12. Tal relato, essencialmente metalinguístico, é muito oportuno no seu significado emblemático sobre a relatividade do saber e do compreender, e pode ser analisado em sua estrutura narrativa, antes de qualquer análise filosófica ou religiosa. Se lhe aplicarmos, por exemplo, alguns conceitos analíticos propostos por Vladimir Propp em “Morfologia do Conto”, poderemos compreender melhor o grau de importância do uso de uma linguagem e do vocabulário específico num trabalho literário dessa natureza. Para realizar essa analogia vamos seguir os passos de Edward Lopes, em “Discurso do Texto e Significação” sobre literatura e metalinguagem, e assim explicado por Anna Maria Balogh³⁹:

“Num primeiro momento, a análise linguística contempla os membros da frase (a linguística frasal) e, num segundo momento, dedica-se à transposição do limite da frase para desvendar as características do discurso – a linguística transfrasal. Este segundo momento é de grande relevância para a análise da literatura, cujas características específicas desvendam-se precisamente neste nível.”

³⁸ Professor da Faculdade de Medicina de Paris, famoso por seus trabalhos sobre choque anafilático, que lhe valeram o Prêmio Nobel de fisiologia em 1913.

Vamos ao trecho bíblico, no qual destacamos as frases da nossa analogia:

“Ora, havia um homem, entre os Fariseus, chamado Nicodemos, senador dos Judeus, que foi à noite encontrar Jesus e lhe disse: - Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor; porque ninguém poderia fazer os milagres que fazeis, se Deus não estivesse com ele.

Jesus lhe respondeu: - Em verdade, em verdade vos digo: **Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.**

Nicodemos lhe disse: - **Como pode nascer um homem que já está velho? Pode ele entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez?**

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Se um homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito. **Não vos espanteis do que eu vos disse, que é preciso que nasçais de novo.** O Espírito sopra onde quer, e ouvis sua voz, mas não sabeis de onde ele vem e para onde ele vai. Ocorre o mesmo com todo o homem que é nascido do Espírito.

Nicodemos lhe respondeu: - **Como isso pode se dar?**

Jesus lhe disse: - **Que! Sois mestre em Israel e ignorais essas coisas?** Em verdade, em verdade vos digo que não dizemos senão o que sabemos, e que não testemunhamos senão o que vimos; entretanto, vós não sabeis nosso testemunho. Mas se não me credes quando vos falo das coisas da Terra, **como creereis quando vos falar das coisas do céu?** (João, cap.III,v. 1 a 12).”

³⁹ “Conjunções – Disjunções – Transmutações da Literatura ao Cinema e à TV”, páginas 27 e 46. Anna-Blume/ Eca-Usp. São Paulo, 1996.

O que podemos identificar primeiramente aqui é um “Programa Narrativo” em cuja sequência Nicodemos é o *ator/ atuante* que procura Jesus para uma “conversa reservada”, na qual quer precisa desvendar “o segredo” do Reino de Deus. Para tanto, é submetido a uma “*prova de competência*”, pois o segredo não pode ser revelado através de palavras, mas da capacidade de decodificação dos significados ocultos dessas palavras, e que escapam ao critério comum da percepção intelectual. A revelação nesses casos só acontece quando a percepção intelectual é superada por outra percepção, cujo acesso inicial é realizada por uma outra forma de inteligência, fora dos padrões intelectuais conhecidos. Esta seria uma experiência da inteligência emocional, segundo os conceitos mais recentes de Howard Gardner⁴⁰. Essa passagem do grau de inteligência intelectual para o grau de inteligência emocional sofre impasses quando Nicodemo faz perguntas cheias de signos inadequados e incompatíveis com os signos de metalinguagem utilizada por Jesus, daí à sua reação de indignação: “*Que! sois mestre em Israel e ignorais essas coisas?*”

Ao entrar em contato anteriormente com as pregações de Jesus, Nicodemos sofrera um *dano* existencial, uma dúvida crucial em forma de carência, cujas causas e consequências não são citadas mas estão inferidas no Programa Narrativo; e não se sabe se ele conseguiu superar as provas a que foi submetido. O que ficou claro é que o significado do “Reino de Deus” (do hebraico “*malkuth*”, ou “estado de coisas”) era tão essencialmente oculto e subjetivo que Jesus e Nicodemos pareciam estar falando linguagens totalmente diferentes. Estudando mais detalhadamente esse e outros diálogos de Jesus com interlocutores que o abordavam com questões existenciais, podemos concluir que ele nunca pôde teorizar esse conhecimento ou decifrar essa linguagem de forma explícita; o máximo que conseguiu, em termos de linguagem, foi através das parábolas, que por sua vez, parecem ser, *o signo do signo*, o enigma do enigma. Com exceção da parábola do Semeador, que é “a parábola das parábolas”⁴¹, todas elas ocultam diferentes graus de compreensão e somente os exemplos vivenciais do próprio Jesus é que rompiam os limites cognitivos dos receptores, para atingir finalmente o alvo, localizado no campo comportamental, da mudança de atitudes.

Se na narrativa de São João a expressão “*nascer de novo*” veio sendo e ensinada pela tradição ortodoxa das igrejas e compreendida como um dogma enigmático, que é a “*Ressurreição*”, no

⁴⁰ “A Inteligência Espiritual”. Dalmo Duque dos Santos. DPL Editora. São Paulo, 2000.

Espiritismo ela adquiriu um sentido de heresia, o dogma da “Reencarnação”. Repare que ambos são dogmas, mas este último, como já explicamos, é proposto no Espiritismo no sentido racional grego, que significa, respectivamente, como o termo “heresia”, “idéia” e “autonomia de pensamento”.

O que estamos querendo ressaltar novamente aqui é que “Ressurreição” e “Reencarnação” são lexemas iguais com significações diferentes e, portanto, para escrever sobre esse novo enfoque é necessário clarificar essas idéias com um vocabulário novo e específico sobre as mesmas. A Reencarnação também era um lexema cultural milenar e que agora veio sendo reafirmado e repercutido socialmente com novas significações. Isso aconteceria também com velhos conceitos como “karma”, “profecia”, “aparições”, “milagres”, “predições”, “almas”, etc.

Um outro aspecto interessante da literatura espírita é o seu caráter revelador da realidade metafísica mas que, se for desconsiderada em tal característica, confunde-se perfeitamente com o gênero da ficção, sobretudo a de natureza científica. Quem lê um fragmento de uma narrativa extraída de uma das centenas de obras “psicografadas” pelo médium brasileiro Francisco Cândido Xavier pode ao mesmo tempo encará-la como a revelação de uma realidade próxima e acessível pelas vias naturais da morte, ou então pela lógica ficcional de um H.G. Wells ou, nesse caso, especificamente um Aldous Huxley, em “Admirável Mundo Novo”. (1932). O relato a que nos referimos é do livro “Missionários da Luz”⁴², da série “André Luiz”⁴³, pseudônimo do Espírito de um médico morto no Rio de Janeiro na década de 1920:

“ Constituíam-se o movimentado centro de serviço de vários prédios e numerosas instalações. Árvores acolhedoras enfileiravam-se através de extensos jardins, imprimindo encantador aspecto à paisagem. Reconheci logo o instituto que se caracterizava por grande movimento (...) Muitos desses irmãos, que passavam junto de nós, empunhavam *reduzidos rolos* de substância semelhante ao pergaminho terrestre, relativamente aos quais não possuía eu, até então, a mais leve notícia. Alexandre, porém, como sempre, veio em socorro de minha estranheza, explicando, bondosamente:

- As *entidades* sob os nossos olhos são trabalhadores de nossa esfera, interessados em *reencarnações* próximas (...) Os *rolos brancos* que conduzem são *pequenos mapas* de

⁴¹ Cairbar Schutel. “Parábolas e Ensinos de Jesus”. Editora o Clarim. Matão, SP, 1979.

⁴² Capítulo 12 – “Preparação de Experiências”.

formas orgânicas, elaborados por orientadores de nosso plano, especializados em conhecimentos biológicos da existência terrena. Conforme o grau de adiantamento do futuro reencarnante e de acordo como o serviço que lhe é designado no corpo carnal, é necessário estabelecer *planos adequados aos fins essenciais*.

- E a lei da hereditariedade fisiológica? – perguntei.
- Funciona com inalienável domínio sobre todos os seres em evolução, mas sofre, naturalmente a influência de todos aqueles que alcançam *qualidades superiores* ao ambiente geral.

(...) Aproximando-nos dos *pavilhões de desenho*, onde numerosos cooperadores *traçavam planos para reencarnações incomuns*, foi o meu novo companheiro procurado por uma entidade simpática que lhe pedia informações. Manassés apresentou-me, otimista. Tratava-se de um colega que, depois de quinze anos de trabalho nas atividades de auxílio, regressaria à esfera carnal para a *liquidação de determinadas contas*. O recém-chegado parecia hesitante. Via-se-lhe o receio, a indecisão.

- Temo contrair novos débitos ao invés de pagar os velhos compromissos. É tão penoso vencer na experiência carnal, em vista do *esquecimento* que sobrevém à encarnação...
- Mas seria mais difícil *trunfar* guardando a lembrança – redarguiu Manassés, incontinenti
- (...) Pode me informar se o *meu modelo* está pronto?
- Creio que poderá procurá-lo amanhã – tornou Manassés, bem disposto -; já fui observar o gráfico inicial e dou-lhe parabéns por haver aceitado a sugestão amorosa dos amigos bem orientados, *sobre o defeito na perna*. Certamente, lutará você com grandes dificuldades no princípio da nova luta, mas a resolução lhe fará grande bem.
- Sim – disse o outro – algo confortado -, preciso *defender-me contra certas tentações de minha natureza inferior* e a perna doente me auxiliará, ministrando-me boas preocupações. Ser-me-á um antídoto à vaidade, um sentinela contra a devastação do amor-próprio excessivo.

⁴³ FEB Editora. Rio de Janeiro.

- Muito bem! – respondeu Manassés, francamente otimista.
- E pode me informar-me ainda a média de tempo conferida à minha forma física futura?
- Setenta anos, no mínimo – redarguiu meu novo companheiro, contente.

O outro fixou uma expressão de reconhecimento, enquanto Manassés continuava:

- Pondere a *graça recebida*, Silvério, e, depois de tomar-lhe a *posse* no plano físico, não volte aqui antes dos setenta. Trate de aproveitar a oportunidade. Todos os seus amigos esperam que você volte, mais tarde, à nossa colônia, na *gloriosa condição* de um “*completista*.”

A narrativa já é, por si só, estranha e descolada da nossa realidade e suas referências sócio-culturais. Cada uma dessas expressões que acentuamos em itálico traz escondida uma carga de informações doutrinárias cuja compreensão de significados foge ao leitor não iniciado. Somente a última delas, a palavra “*completista*” foi explicada pelo narrador como um conceito ou *status* dado aos Espíritos que retornam da experiência carnal sem desperdício de energias e prejuízo do vaso físico através de “extravagâncias”, suicídios indiretos, que lhe causam graves desequilíbrios psíquicos na transição e adaptação ao novo ambiente, diríamos, “espiritual”.

Esse relato de Francisco Cândido Xavier⁴⁴ foi feito em 1945, sendo uma sequência de dois livros publicados em 1942 (Nosso Lar) e 1944 (Os Mensageiros), mas a narrativa se passa num tempo bem anterior à publicação, em 1939, pouco antes do início da II Guerra Mundial. O interessante é que, além do problema da linguagem, esses livros adiantam informações que somente seriam compreendidas cientificamente, no aspecto técnico e ético, após 50 anos, na década de 1990, quando começaram a surgir as primeiras experiências genéticas, sobretudo o Projeto Genoma. Tal projeto, cuja intenção de decifrar os genes com finalidades planificadoras e resultariam nas discussões éticas da clonagem humana, já era do conhecimento de Espíritos em *esferas de existência* como essa descrita por André Luiz. Muitas outras informações científicas “futuristas” foram anunciadas, nesses e em outros livros,

⁴⁴ O estudo “Chico Xavier: o Homem Futuro”, de J. Herculano Pires, publicado na Revista Planeta, em 1973, explica com mais detalhes esse fenômeno literário. O estudo foi incluído no meu livro, no capítulo 9 – Novos Apóstolos.

mas a nossa intenção aqui foi apenas destacar, como já foi dito, o aspecto da especificidade do vocabulário e da linguagem.

3. A PESQUISA ICONOGRÁFICA

Assim como o uso da documentação escrita foi utilizada para dar maior credibilidade histórica e sustentação teórica aos textos, a mesma diversidade de fontes deveria ser aplicada no uso da iconografia. Como o livro trata historicamente dos séculos 19 e 20, a pintura e a fotografia tiveram que dividir o espaço gráfico das ilustrações. Como forma de expressão a pintura do século 19 vai passar por uma série de rupturas que vão do monótono neoclassicismo, do agitado romanticismo até o perturbador impressionismo. São imagens fortes que refletem a secularização da cultura, o cientificismo racional, a força expansionista do capitalismo industrial e a explosão da sociedade urbana, os conflitos políticos do liberalismo, nacionalismo e socialismo, enfim todas as inquietações que marcaram a velocidade e as sucessivas mudanças dos últimos 200 anos.

O século 19 marca também as relações de conflitos e influências mútuas entre a pintura e a fotografia, como num jogo dialético entre o velho e o novo, do qual surge o diferente. Enquanto a pintura, amadurecida pelos séculos, mergulha na subjetividade, a fotografia, imatura e nascente, avança em busca da objetividade do real. Nesse campo, a fotografia vai ocupar um lugar de destaque no seu papel como imagem documental, que será cada vez mais significativo, pois, sendo herdeira da perspectiva pictórica renascentista, ela vai manifestar-se como peça essencial do discurso imagético da modernidade. Tanto na historiografia como no jornalismo ela vai promover o encontro do texto verbal com o texto não verbal, numa simbiose de signos. Diversos estudos sobre o papel da fotografia na cultura moderna reconhecem suas múltiplas funções, na condição de texto icônico: de registro do tempo histórico e memória, de elemento narrativo, de elemento estético, na medida que informa, ilustra e contextualiza. Respondendo algumas questões⁴⁵ sobre esse amplo universo imagético da fotografia, Boris Kossoy reflete primeiro sobre o seu papel cultural na sociedade:

⁴⁵ Caderno “Mais”. Folha de São Paulo, nº 464, de 31 de dezembro de 2000.

“É o seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar, denunciar e manipular. Instrumento ambíguo de fascínio sobre os homens. Ao mesmo tempo em preserva nossas lembranças, ela também se presta aos mais interesseiros usos ideológicos. As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades, e sua importância cultural reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória ao longo da história.”

E sobre a riqueza de elementos que a imagem fotográfica carrega em seu conteúdo plástico e comunicacional, o autor de “Fotografia e História⁴⁶”, explica:

“Toda fotografia tem atrás de si um história. Se, enquanto documento ela é um instrumento de fixação da memória e, nesse sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, nos faz imaginar seus segredos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a ideologia do fotógrafo. Essa tensão perpétua que se estabelece entre o que vemos (segunda realidade) e o que imaginamos é o que julgo mais interessante nas imagens fotográficas.”

Como o Espiritismo, a fotografia nasceu e evoluiu no século 19 até atingir sua plenitude no século posterior. Essa marca de modernidade e pós-modernidade que ela foi adquirindo, como técnica de comunicação e como expressão artística, seria um importante recurso documental para contar a história do Espiritismo e do seu movimento social. Em 1998 o jornalista e cineasta Edson Audi⁴⁷ publicou um ensaio fotográfico sobre Allan Kardec no qual narra, numa sequência biográfica, os principais fatos da vida do codificador do Espiritismo. Para isso, percorreu diversos lugares da França e da Suíça e encerra o seu trabalho com uma imagem do cemitério Père-Lachaise, em Paris, enfocando o túmulo druídico no qual foi sepultado o corpo do filósofo francês. O ensaio foi indicado entre os dez finalistas do Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria religião, e também recebeu uma versão digital em

⁴⁶ Editora Ática. São Paulo.

⁴⁷ Publicações Lachâtre. Rio de Janeiro.

cd-room. Observando bem o livro, nos chamou atenção o fato de existirem pouquíssimos registros fotográficos sobre Allan Kardec e sobre a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, entre 1857 e 1869. Nesse período a fotografia ainda era algo raro e de difícil acesso, só aparecendo os conhecidos “retratos” de personalidades do Espiritismo. Sobre as reuniões e outros eventos de destaque na época, não há notícias de registros. Sabe-se, porém, que a partir de 1870, alguns estudiosos espíritas passaram se interessar pela fotografia exatamente porque perceberam sua importância como recurso e função testemunhal. Começam a surgir, então, os registros das sessões mediúnicas de pesquisa científica, sobretudo aquelas que se dedicavam a materialização de Espíritos. Nomes conceituados da pesquisa científica registraram fartamente suas experiências espíritas através da fotografia⁴⁸. Mas a abundância desse material era tanta que houve até mesmo uma reação contrária a este modismo quando o editor da Revista Espírita, em Paris, Pierre-Gaetan Leymarie⁴⁹ foi acusado, processado e condenado à prisão por divulgação de fotografias falsas sobre Espíritos. O caso Leymarie foi, no aspecto policial, uma espécie de precursor do famoso “Caso Dreyfus”, imortalizado por Emille Zola em “Eu acuso”. O editor Leymarie havia sido vítima da má fé de um fotógrafo que misturou fotos autênticas com montagens, para aumentar o lucro das suas vendas e satisfazer o sensacionalismo do público. Posteriormente o fotógrafo, que havia fugido para a Bélgica, confessou a verdade e inocentou o editor. Mas o estrago na imagem pública do Espiritismo já estava feito. A condenação e a prisão foi muito mais divulgada do que a constatação da sua inocência. Esse fato talvez tenha contribuído para que muitas experiências importantes não fossem documentadas.

No século 20, no entanto, essa deficiência seria suprida por uma farta documentação não só fotográfica como fílmica, o que nos estimulou a ilustrar o livro com a abundância de imagens históricas. Com a idéia fixa de que a imagem é um texto icônico e reconstrói o tempo passado com um grau muito maior de impressão e expressão histórica, passamos a procurar e selecionar as ilustrações que viessem compor o projeto gráfico do livro. O critério de seleção foi sendo pautado e influenciado pela dinâmica na elaboração dos textos escritos. O problema do espaço gráfico e a necessidade de equilíbrio entre a falta e o excesso no uso de imagens nos conduziu na escolha daquilo que era essencial e na dispensa do

⁴⁸ “A Alma é Imortal”. Gabriel Delanne. Descrição das experiências de Alberto de Rochas e do Dr. Luys, página 155; Fotografias e moldagens de formas de Espíritos desencarnados, página 169. FEB Editora. R.J. 1990.

⁴⁹ “O Processo do Espíritas”. Marine Leymarie. FEB Editora.

que era redundante. Dessa forma, escolhemos 60 imagens, distribuídas nos capítulos, algumas já legendadas:

Página de abertura – (1) Allan Kardec

1. A Guerra dos Mundos

(2) Altar druída. No druidismo, religião animista do celtas, encontram-se as raízes mais remotas do nome Allan Kardec.

(3) Pedras em Paris – Os fenômenos espíritas aconteceram, orquestradamente, nos quatro cantos do mundo.

(4) Fenômenos em Cideville.

(5) Hydesville e as meninas Fox. Um fenômeno e uma estratégia de comunicação dos Espíritos para chamar a atenção da opinião pública.

(6, 7) D.D. Home – Experiências públicas memoráveis e pesquisas com Sir Willian Crookes. A mediunidade passa a ser encarada como objeto de estudo científico.

Sobre ele Kardec escreveu na Revista Espírita, de fevereiro de 1858:

“O Sr Home é um médium do gênero dos que produzem manifestações ostensivas, sem excluir por isto as comunicações inteligente; mas as suas predisposições naturais lhe dão para as primeiras uma aptidão toda especial. Sob sua influência ouvem-se os mais estranhos ruídos, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, levantam-se, transportam-se de um lado a outro, através do espaço, instrumentos de música produzem sons melódiosos. Aparecem seres do mundo extra-corpóreo, falam, escrevem e por vezes nos abraçam até produzir dor. Muitas vezes ele próprio é visto, em presença de testemunhas oculares, elevado a vários metros de altura, sem qualquer sustentáculo (...) Seu caráter e as qualidades morais que o distinguem, ao contrário, lhe devem conciliar as simpatias de Espíritos superiores.”

(8) Sessão Espírita na Dinamarca – Os Espíritos são presença constante no cotidiano das pessoas.

Materialização do Padre Zabeu. Museu Espírita de São Paulo.

2. A INICIAÇÃO E O ERRO

(9) Lyon – A antiga colônia romana chamada por Eucher e Gregório de Tours de “a pátria dos mártires”.

Aqui viveram Sanctus, Alexandre, Attale, Episode, a doce e corajosa Blandine, Irineu, o bispo audaz, todos precursores do lema “Fora da caridade não há salvação”.

(10) Yverdon, o segundo lar de Kardec, de onde Fichte esperava a salvação da Alemanha.

(11) Comênius, Pestalozzi, Rousseu. Os pais intelectuais de Allan Kardec.

(12) Rivail aos 25 anos.

(13) Mesmer – O magnetismo foi o marco da iniciação de Kardec e, juntamente com a Homeopatia, tornou-se o cartão de visita da maioria dos Centros Espíritas.

(14) Residência Plainemaison. Os primeiros contatos com os fenômenos.

(15) Amélie Gabrielle Boudet. A corajosa esposa de Kardec foi contista e autora de obras educativas sobre desenhos e artes. No final da vida chegou a ser presa e humilhada em interrogatórios policiais, que tentavam denegrir a imagem do Espiritismo.

(16) Rue des Martyrs – Neste endereço, no Kardec recebeu as primeiras advertências dos Espíritos sobre erros nos seus escritos.

(17) Cena da Inquisição – Francisco Goya, 1800. A Igreja foi a principal fonte de inspiração do totalitarismo.

(18) Palácio do Papas em Avignon. A estreita relação entre Igreja e Estado sempre foi a causa dos abusos de poder e contestações que marcariam a história da França.

3. UM SÉCULO PERIGOSO

(19) Voltaire – Quando encarnado, a irreverência e a lógica de Voltaire contra a Igreja e o Absolutismo prepararam o terreno para as contestações do mundo Contemporâneo. Como Espírito, mostrou uma outra perspectiva sobre os seus escritos.

(20) Napoleão. Os Espíritos de Alexandre Magno e Júlio César derrotam a missão de Napoleão Bonaparte.

(21) A Revolução de 1830.

(22) Os Miseráveis, Madame Bovary, Julien Sorel. A arte imita a vida no século 19.

(23) Absínto, Degas, 1876.

(24) Camille Flamarion, o “poeta do Céus”.

(25) Sir Willian Crookes. “Nada tenho que retratar dessas experiências e mantenho as minhas verificações já publicadas”.

(26) Cesar Lombroso. O criminalista italiano rendeu-se ao presenciar a materilização do Espírito da mãe.

(27) A médium Eusápia Palladino.

(28) Alexandre Aksakof.

(29) Sir Oliver Lodge.

- (30) Ernesto Bozzano.
- (31) Sir Artur Conan Doyle. Pioneiro na História do Espiritismo.
- (32) A rendição da França: Bismarck e Luís Napoleão encontram-e em setembro de 1870.

4. A BÍBLIA E A RAZÃO

- (33) O Anjo ditando a São Mateus. Rembrandt (Para o Livro dos Médiuns) A história do Cristianismo está repleta de exemplos da relação entre os Espíritos e os homens.
- (34) Os Livros de Kardec.
- (35) Galerie D'Orleans.
- (36) As Espigadoras – Millet. (Para o Evangelho).
- (37) A Pastora – Millet (para o Evangelho).
- (38) Reunião de Família – Bazille (para o Evangelho).
- (39) Rudolf com seus filhos contemplando o retrato de sua defunta esposa – Amerling, 1837. (Para o Evangelho)
- (40) O Primeiro Dia – W. Blake, 1794. (para a Gênese). Uma visão racional e iluminista do Criador como um Grande Arquiteto: influência da maçonaria.
- (41) A Barca de Dante. Delacroix, 1822. (para o Céu e O Inferno)
- (42) Angelus, Millet, 1857. (para O Livro dos Espíritos)

5. A FÚRIA DO CLERO

- (43) Maurice Lachâtre. Perseguido na França, estabeleceu-se na Espanha e tornou-se a peça principal do Auto-de-fé de Barcelona.
- (44) Barcelona e o Auto-de-fé. Indignação e protestos populares.
- (45) Basílica de São Pedro. “Sabe-se, por revelações irrefutáveis, que na Cidade Eterna a Doutrina Espírita está destinada a causar grande amargura ao papado.”

6. O MEIO E A MENSAGEM

- (46) Leitura da borra do café, França. A mediunidade nada tem de sobrenatural. 1909.

(47) Túmulo de Allan Kardec no cemitério Père-Lachaise. O corpo havia sido enterrado em Montmartre e depois trasladado para esta necrópole, destinada às grandes personalidades da cultura e da sociedade parisiense.

Em 3 de abril de 1869 o “Le Journal”, de Paris, publicou um artigo de Pagès de Noyez contendo as seguintes notas:

“Aquele que, por tanto tempo, figurou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec, chama-se Rivail e morreu aos 65 anos. Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio daquela sala das sessões que há longos anos presidia: vimo-lo com o rosto calmo, como se extinguem aqueles a quem a morte não surpreende, e que, tranquilo quanto ao resultado de uma vida vivida honesta e laboriosamente, deixam como um reflexo da pureza de sua alma sobre esse corpo que abandonam a matéria.

(...) Esta morte, que o vulgo deixará passar indiferente, é um grande fato na História da Humanidade. Este não é apenas o sepulcro de um homem: é a pedra tumular enchendo o vazio imenso que o Materialismo havia cavado sob os nossos pés, e sobre o qual o Espiritismo espalha as flores da esperança.”

7. O MOVIMENTO ESPÍRITA

(48) A Revista Espírita.

(49) As transformações urbanas em Paris ante e depois da Comuna de 1870

(50) Uma favela de Paris em 1865.

8. A GUERRA DE IDÉIAS

(51) Anália Franco. A primeira mulher jornalista também foi o primeiro exemplo feminino do Espiritismo apostólico no Brasil.

(52) Bezerra de Menezes e o Rio de Janeiro antigo.

(53) Caibar Schutel e a cidade de Matão.

(54) Eurípedes Barsanulfo e a cidade de Sacramento.

(55) TVP- As Terapias de Vidas Passadas, largamente utilizadas no Plano Espiritual, tornam-se comuns nos consultórios psiquiátricos.

(56) Ian Stevenson. Milhares de casos e evidências, no mundo todo, provam que, antes de ser uma crença, a reencarnação é uma lei da Natureza.

9. NOVOS APÓSTOLOS

(57) Chico Xavier

(58) Edgard Armond, Dr. Luiz Monteiro de Barros e Carlos Jordão da Silva.

(59) São Paulo na década de 1930. A Sociedade de Massas começa a delinear-se na maior cidade brasileira.

(60) J. Herculano Pires

4. O PROJETO GRÁFICO

Desde a sua mais remota concepção, seja no formato de placas de argila, de rolos de pergaminho ou na moderna reinvenção impressa renascentista, o livro vem sendo cultuado ao mesmo tempo como objeto de desejo das mensagens que veicula e como portador material desses conteúdos. Talvez seja essa a causa da sua sobrevivência na Era Digital. A parafernália eletrônica ainda não conseguiu substituir a atração que sentimos pelos elementos materiais que formam o conjunto gráfico e artístico do livro. Como uma camada protetora de um fruto, a capa e o miolo impresso escondem os mais intrigantes segredos de comunicação entre editores, escritores e leitores. Como parte desse jogo de sedução inclui-se a tipologia da letras e outros sinais gráficos, a cor e a gramatura do papel; e o formato e o *lay-out* das páginas.

O desenvolvimento das artes gráficas e o próprio encontro de todas elas através do grafismo digital geraram um uma espécie de “sétima arte” desse setor e vem dando ao livro características cada vez mais curiosas e atraentes. Essa revolução tecnológica vem reforçando a sua imagem como o principal símbolo da civilização científica ocidental, e agora global. Nossa cultura é fundamentalmente literária e isso faz do livro o seu ícone maior e também a sua principal via de acesso. Se a tecnologia banalizou o livro como produto industrial massificado, por outro lado ela teve que acenar para outra reinvenção, agora com características eletrônicas, porque não conseguiu banalizá-lo como idéia. Sua tradição histórica ainda é muito influente, bem como seu aspecto visual e sua posse como objeto de valor qualitativo e quantitativo. Afinal, uma boa biblioteca ainda é sinônimo de poder intelectual e status cultural para pessoas e instituições. Existe, portanto, um grande equívoco em associar o tecnologia digital com o desaparecimento do livro ou da cultura literária, ou simplesmente a extinção da

palavra escrita e dos sinais gráficos impressos. Falando sobre essas transformações recentes e as análises tradicionalmente precipitadas sobre os fenômenos, Nicholas Negroponte⁵⁰ observou:

“A palavra não está indo embora. Na verdade, ela é e tem sido uma das mais poderosas forças alteradoras da Humanidade, para o bem e para o mal. São Tomás de Aquino disse algumas palavras no sul da Índia há quase dois mil anos, e hoje a província de Kerala tem 25% de cristãos, em um país no qual estes são menos de 1% da população. Não há dúvida de que as palavras são poderosas, sempre foram e sempre serão. Exceto pelo meu retrato na página da Wired, esta coluna é constituída de palavras.”

As palavras precisam de meios para atingirem seus alvos e o livro permanece como o mais fiel e confiável depositário do seu prestígio. No mesmo artigo esse pesquisador do Massachusetts Technology Institute –MIT, em Boston, analisa o futuro do livro como um setor estável, por causa das suas características midiáticas vantajosas, segundo ele, uma “interface confortável” em relação aos produtos eletrônicos. Os livros ganham na aparência, no fácil manuseio, na leveza, no custo, no acesso aleatório e, como um “display”, é o médium mais disponível para o público. E conclui assim a sua análise:

“O livro foi inventado há 500 anos por Aldo Manúzio, em Veneza. O chamado formato ‘octavo’ foi derivado dos manuscritos existentes anteriormente, porque era fácil manusear e prático. Manúzio até inventou a numeração de páginas. Estranho que Gutenberg fique com toda a fama, enquanto que Manúzio é conhecido por poucos. Os manúzios de hoje são a multidão de pesquisadores que buscam materiais capazes de produzir *displays* planos, portáteis e práticos chamados PDAs (assistentes pessoais digitais, um termo criado por JohnSculley há cinco anos e um dos anacrônimos mais estranhos). De um modo geral, essas tentativas não conseguem atingir o ‘livrismo’, já que o ato de folhear é um elemento indispensável da experiência de ler um livro. Em 1978, no MIT, animamos o virar de páginas em uma tela, e até geramos um barulho do papel. Bonitinho, mas só.”

⁵⁰ “O futuro é digital”, artigo publicado no encarte “Ponto Futuro”, suplemento especial da edição de 20

O jornalista francês Bernard Pivot⁵¹, um conhecido apresentador de TV e especialista em literatura discorda dessa profecia do fim do livro dizendo que, já no século 19, alguns escritores estavam preocupados porque a invenção da bicicleta ameaçava o hábito da leitura. Também Kevin Kelly⁵², editor da revista *Wired*, é partidário da opinião de que o livro não vai desaparecer tão cedo, pelo menos nesse formato que o conhecemos. Para ele, nesse aspecto, iniciou-se uma guerra entre duas culturas bem distintas: a cultura tradicional do livro, dos que editam e publicam jornais e revistas e atuam no terreno do controle burocrático-estatal do papel. A outra é a cultura da tela,, que despreza a lógica dos livros tradicionais para agir no no fluxo dinâmico e veloz do terreno digital. Conclui assim os efeitos desse conflito tecnológico:

“O pessoal do livro, porém, não tem por que ter medo. Em empresas como a E Ink e Xerox, a turma da tela está desenvolvendo finas lâminas de papel plástico capazes de armazenar tinta digital. A folha de papel será transformada numa tela capaz de mostrar um poema num instante e, logo em seguida, a previsão do tempo. basta encadernar cem desses papéis digitais e se tem um livro de conteúdo variável que, no entanto, continuará sendo lido de forma tradicional. O leitor vira as páginas (método de enorme praticidade e que provavelmente não será substituído) e, ao terminar, as insere num estojo para carregá-las com outro texto. O usuário comum poderá ter uma coleção de dezenas de livros encapados em couro e de tamanhos diversos, adaptados à anatomia de suas mãos e aos seus hábitos de leitura. Cada texto digital será formatado para um tipo diferente de capa.”

Essas duas opiniões, emitidas com diferença de pouco tempo nas publicações, revelam a velocidade das transformações tecnológicas em torno do livro, mas não perdem de vista os antigos conceitos do “design” renascentista de Aldo Manúzio.

anos do jornal Meio & Mensagem. São Paulo, 1999.

⁵¹ Ruth Aquino “Panelão Literário na TV”. Revista Veja, nº 25, 27/07/2001.

⁵² “ O que acontecerá com o livro?”. Artigo publicado no encarte “Visões 21”. Folha de São Paulo-Time, vol 3, nº 24, 15 de junho de 2000.

Mas para um simples autor todas essas reflexões sobre as múltiplas facetas do livro são sempre acrescidas da idéia, também histórica, de que esse ícone cultural é um objeto de realização pessoal e uma continuidade existencial do seu criador. O livro é o filho que não foi gerado pelas vias biológicas, mas sua construção pelas vias psicológicas lhe dá uma importante conotação de perpetuidade. Como autor novato e ainda inexperiente, ainda participamos de todo esse processo criativo e de realização técnica como muita ansiedade e expectativa, como se fosse um parto, desde a sua concepção até o seu nascimento e possível repercussão nos meios sociais almejados.

O projeto gráfico do livro que é objeto de estudo desta dissertação surgiu e evoluiu juntamente com a escolha dos temas que iriam compor a sua estrutura sequencial. Ao imaginarmos o título da obra, bem como os títulos e subtítulos dos capítulos, também iniciamos a idealização do corpo gráfico daquilo que estava sendo criado nos textos escritos. Quando usamos a expressão “criação” gostaríamos de poder usá-la no seu sentido original latino “crear”, que foi sendo substituído pelo neologismo de sentido vulgar e que lembra a prática da pecuária e da educação infantil domésticas. O filósofo Humberto Hohden⁵³ esclarece essa nossa preferência lembrando que “crear” é uma manifestação da essência em forma de existência, e “criar” é a transição de uma existência para outra existência. Para ele, na conhecida lei de Lavoisier de que “na natureza nada se *crea* e nada se aniquila, tudo se transforma”, se usarmos “nada se cria” a mesma resulta totalmente falsa em sua lógica. Ao imaginarmos os títulos também já estávamos “creando” sua expressão gráfica na primeira capa ou rosto do livro, cumprindo a sua função de chamar a atenção e seduzir o leitor em algum ponto de venda.

Assim, o título ‘O Demolidor de Dogmas’ também foi “creado” para figurar como destaque no *lay-out* da capa, mas o seu sentido agressivo, lembrando algo destruidor, deveria ser compensado pelo subtítulo “A Reconstrução da Fé no Ocidente”, em plano médio de destaque, deixando claro que a demolição foi mais no sentido de remoção dos escombros de algo que já estava estruturalmente comprometido. Pensamos em colocar um foto de Allan Kardec, estilizada ao padrão da capa ou então a combinação desta com a imagem de templos suntuosos. Finalmente optamos pelo uso dos três modelos de colunas clássicas da arquitetura grega, pois elas poderiam significar várias coisas simultaneamente:

1º - os três modelos de colunas arquitetônicas gregas (jônica, dórica e coríntia) são símbolos consagrados do classicismo e, portanto, do racionalismo filosófico do qual descende o Espiritismo;

2º - as colunas, que são a base das construções e também o ponto de partida das reconstruções ou restaurações. Ao resgatá-las historicamente estamos preservando a memória e a essência do edifício desgastado pelo tempo;

3º - sendo três tipos ou estilos, cada uma delas poderia representar um dos aspectos da doutrina espírita, que são suas bases doutrinárias: a Ciência, a Filosofia e a Religião, cada qual na sua respectiva fonte de conhecimento.

No verso da capa, aí sim, pensamos em utilizar uma imagem que lembrasse o dogmatismo religioso, porém com a intenção de lembrar que por trás dele e sua aparência de tradição e solidez, escondia-se o espírito inquieto da heresia. Por esse motivo escolhemos uma fotografia da parte velha da cidade de Lyon. Além de ser a terra natal de Allan Kardec, a cidade tornou-se o símbolo das heresias medievais do Ocidente medieval contra a Igreja Católica. Na antiguidade, Lyon era uma antiga vila romana denominada Lugnum, um antigo centro de tradições religiosas célticas (adeptos da reencarnação e do mediunismo) e base dos primeiros núcleos cristãos das Gálias.

A materialização dessas idéias foi sendo possível através de recursos digitais, através de programas de editoração eletrônica apropriados como o Corel Draw, para a composição do lay-out e colagem de ilustrações; e o Page-Maker, para a diagramação de páginas do miolo. O conhecimento teórico das noções elementares sobre editoração eletrônica e o domínio técnico das ferramentas embutidas nesses dois softwares, não como pretensão de uso profissional específico, mas de necessidade de pesquisa e diálogo com a linguagem digital, foi muito útil na busca de soluções para a realização do nosso projeto gráfico. Nos sentimos atraídos por esses conhecimentos porque certamente eles facilitariam as nossas opiniões e escolhas, sobretudo no aspecto estético do projeto.

Tanto a criação da capa como a diagramação do miolo do livro sofreram a influência da pesquisa e observação, feita através de inúmeras visitas a diversas livrarias da cidade de São Paulo. Analisamos também uma grande quantidade de catálogos de editoras, observando todos os detalhes e

⁵³ Advertência utilizadas na instrução de todas as suas obras, neste caso “A Sabedoria das Parábolas”.

características predominantes nas obras de estilo semelhante, principalmente as que alcançaram sucesso de vendas não só pela conteúdo, mas também pela embalagem. Essas pesquisas não foram rigidamente sistematizadas, mas uma observação mais apurada de detalhes técnicos do conjunto gráfico auxiliou muito na definição do padrão que escolhemos para a impressão final do livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal conclusão que tivemos sobre essa experiência de escrever um livro sob encomenda foi a de que o seu conteúdo é mais produto da soma de elementos de uma vivência do que somente a reunião de algumas condições e recursos puramente intelectuais. Ao reler alguns textos que produzimos e, através deles, analisar a nossa postura diante de algumas idéias e acontecimentos, logo percebemos que as palavras, frases e sentenças que eram ali lançadas representavam muito mais do que articulação de idéias e a habilidade técnica de redação. Por trás delas estavam escondidos conceitos, visões de mundo, sentimentos e emoções, cujo conjunto vem sendo construído lentamente através dos anos. Essa reflexão nos ocorreu ao mesmo tempo em que, espontaneamente, entrávamos num processo de recuo na memória, refazendo o percurso de algumas experiências que consideramos importantes e influentes na realização desse trabalho.

Por mais que houvessem causas remotas ou imediatas que nos motivaram a realizar essa experiência de escrever um livro sobre Allan Kardec e o Espiritismo, nenhuma delas pode ser mais significativa do que o nosso gosto pessoal pelo assunto. Desde a infância nos sentimos atraídos por tudo o que estava relacionado aos fenômenos espíritas. E pelo que nos vem à memória, a presença dos Espíritos e da sua doutrina sempre nos estiveram próximas, nas reuniões mediúnicas da casa dos meus avós paternos, em ocasiões especiais; nas sessões semanais no centro espírita, ou nas residências de amigos que se dedicavam costumeiramente a essas práticas. Nessa época, na mudança da década de 1960 para 1970, o paranormal Uri Geller visitava o Brasil e, pela TV, seduzia verdadeiras massas interessadas em entortar garfos e fazer funcionar velhos relógios. Chico Xavier dava entrevistas no programa “Pinga Fogo”, da TV Tupi, que atingiam os maiores índices de audiência daqueles tempos. O

médium José Arigó escandalizava a sociedade ao realizar cirurgias e curas totalmente fora dos padrões das ciências médicas. Tudo isso era registrado em revistas como “Manchete” e “Realidade”. Nossos olhos devoravam essas páginas cheias de imagens impressionantes e relatos não menos curiosos. Em alguns números antigos de “O Cruzeiro”, da coleção intacta do meu avô, tirávamos informações dos casos mais antigos, ali publicados sob as palavras um tanto suspeitas de Davi Nasser, mas compensadas pelo realismo das imagens de Jean Manzon. Mais tarde⁵⁴ ficamos sabendo que certa vez os dois se passaram por repórteres estrangeiros ao entrevistarem o ingênuo Chico Xavier que, sem saber de nada, lhes presenteou com livros em cujas dedicatórias constavam seus nomes verdadeiros.

Na adolescência, já residindo em São Paulo, o Espiritismo nos chega às mãos através dos livros (muitos dos quais fui reler e compreender melhor já na fase adulta) e do engajamento no movimento doutrinário: palestras, debates, congressos, cursos de iniciação, tudo paralelamente ao ritmo de vida comum. Essa militância foi muito importante na construção da nossa visão de mundo, que praticamente não foi alterada desde a infância, e sim enriquecida pelo contato com outras idéias.

Ao ingressarmos no universo adulto - e isso acontece com a maioria das pessoas com histórias semelhantes - entramos numa espécie de “hibernação ideológica”, uma longa pausa para nos preparar para a vida profissional. Ao acordar e voltar para as nossas referências existenciais, seis ou sete anos depois, percebemos que o mundo havia mudado no seu aspecto exterior, mas a visão que tínhamos sobre ele continuava essencialmente a mesma. Conseguimos concluir uma graduação no curso de História numa universidade católica em que a “religião” predominante era o materialismo dialético e o principal objeto de culto era “São Marx”, no dizer do professor Otávio Ianni.

Na PUC tinha de tudo e tudo era permitido, inclusive Deus. No começo ficávamos quietos e ouvindo tudo sem a menor reação, pois temíamos ser descobertos e queimados numa fogueira. Depois fomos percebendo que aquilo tudo era uma “fachada” religiosa, e que o importante, muitas vezes, era rezar na cartilha da ideologia dominante: Marx e Engels. Até mesmo os torneios esportivos entre as turmas levavam o sugestivo nome de “Luta de Classes”. Nas aulas de sociologia, sobre o pensamento de Max Weber, a professora Noêmia Lazaresch tentava “desdoutrializar” os alunos mais afetados emocionalmente pelo marxismo, mostrando que existia vida inteligente além do “Manifesto

⁵⁴ Citado por J. Herculano Pires em “Chico Xavier; o homem futuro”, no capítulo 9 do meu livro.

Comunista”. Ao fazer um trabalho sobre “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” éramos um dos poucos que achava a idéia um tanto atraente, talvez porque era um universo religioso que também nos intrigava, sobretudo o seu aspecto fundamentalista, herdado de algumas seitas judaicas. Também na PUC, no ciclo básico, conhecemos um pouco de Freud e seus seguidores da linha mística e sexual. Nessa área de conhecimento já tínhamos ouvido falar de Carl Rogers, assim como Hanna Arendt e Michel Foucault, na filosofia, mas que eram ali considerados autores “malditos” e “inadequados” nas bibliografias “recomendadas” nos departamentos.

Essa é a síntese daquilo que consideramos um pouco da essência da formação nosso pensamento crítico, ou seja, aquilo que conseguimos, dentro dos nossos limites, desenvolver como autonomia intelectual. Fomos entendendo que as mudanças que aconteciam no mundo eram o reflexo de diversos pontos de vista e que, no fundo, as pessoas continuavam as mesmas, desde que receberam as primeiras noções das coisas, juntamente com o leite materno. Ao nosso ver a célebre frase de Anton Tchecov de que “O Homem é aquilo que ele acredita” ficava cada mais evidente na nossa forma de analisar as coisas. Nos mesmos não havíamos mudado o meu jeito de ser nem de pensar. Continuávamos acreditando nas mesmas coisas. É claro que essas crenças foram assumindo expressões mais amplas, mais ou menos enriquecidas pelos dados informativos, mas que permanecem inalteradas nas suas raízes.

Também estamos cada vez mais convictos de que o conhecimento e a verdade são uma só coisa e que a sua fragmentação significa a nossa busca pela compreensão das coisas da vida, geralmente espalhadas em muitos “pedaços de um espelho” que vamos reunindo aqui e ali, para tentar compor aquilo que chamamos de realidade, a nossa realidade. Essa imagem alegórica do Conhecimento e da Verdade não é nossa, mas de Emmanuela, um Espírito escritor de quem bebi muitas outras reflexões.

O livro concebido e sendo escrito ao mesmo tempo em frequentávamos as aulas deste curso de pós-graduação. Ao decidirmos transformá-lo num objeto de análise e relato de experiência com finalidades acadêmicas provocamos uma simbiose de experiências. O trabalho de escrever o livro e analisá-lo simultaneamente foi muito útil e curioso porque ambos sofreram influências mútuas: o livro alterou muitas coisas nos rumos da dissertação e o mesmo ocorreu na conclusão do livro. Explicando melhor: muitas reflexões feitas no livro ajudaram no texto da dissertação e as que fizemos nessa

dissertação tiveram que ser incluídas em alguns capítulos do livro. Da mesma forma, poderemos, caso seja conveniente, incluir no livro, como posfácio, uma síntese dessa dissertação como o título “O desafio de escrever sobre Allan Kardec”.

BIBLIOGRAFIA

* Obras específicas da dissertação

*ABBAGNANO, Nicola. “*Dicionário de Filosofia*”. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1997.

ABREU, Canuto. “*O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária*”. São Paulo: Edições LFU,1996.

“*Bezerra de Menezes – subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895*”. 5ª ed. São Paulo: FEESP,1996.

ACQUARONE, Francisco. “*Bezerra de Menezes, o médico dos pobres*”. São Paulo: Aliança,1992.

ALLEGRO, John. “*O Povo Eleito*”. Edição Especial de Planeta. São Paulo: Editora Três, 1976.

AGOSTINHO, Santo. “*Os Pensadores*”. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

APPLE, M. “*Educação e Poder*”. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

* ANDRADE, Carlos Drumond. “*Histórias para o Rei – Contos*”. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ARENDT, Hanna. “*A Condição Humana*”. São Paulo: Salamandra, 1981.

ARIÈS, Philippe. “*Sobre a história da Morte no Ocidente desde a Idade Média*”. 2ª ed. Teorema: Lisboa, Portugal, 1989.

ARMOND, Edgard. “*Religiões e Filosofias*”. São Paulo: Aliança, 1980.

.....“*O Redentor*”. 15ª ed. São Paulo: Aliança, 1985.

.....“*Vivência do Espiritismo Religioso*”. São Paulo: Aliança, 1995.

.....“*Os Exilados da Capela*”. São Paulo: Editora Aliança, 1999.

.....“*Mediunidade*”. 28ª ed. São Paulo: Aliança, 1992.

.....“*O Livre-Arbítrio – Poderoso Fator de Evolução*”. São Paulo: Aliança, 1979.

.....“*Na Semeadura, vols. 1 e 2*”. São Paulo: Aliança, 1997.

.....“*Verdades e Conceitos, vols. 1 e 2*”. São Paulo: Aliança, 1982.

.....“*Respondendo e Esclarecendo*”. São Paulo: Aliança,1980.

.....“*Enquanto é Tempo*”. São Paulo: Aliança,1982.

.....“*Passes e Radiações – Métodos Espíritas de Cura*”. São Paulo: Aliança, 1991.

.....“*Guia do Aprendiz*”. São Paulo: Aliança. São Paulo, s/d.

.....*Guia do Discípulo*”. São Paulo: Aliança, 1980.

- “*Mediunidade Tarefa*”. São Paulo: São Paulo: Aliança, 1980.
- “*Desenvolvimento Mediúnico*”. São Paulo: Aliança, 1978.
- “*Mensagens e Instruções*”. São Paulo: Aliança, 2001.
- *AUDI, Edson. “*Vida e Obra de Allan Kardec*”. Rio de Janeiro: Publicações Lachâtre Editora, 1999.
- *BALOGH, Anna Maria. “*Conjunções – Disjunções – Transmutações da Literatura ao Cinema e à TV*”. São Paulo: Anna-Blume/ ECA-USP, 1996.
- *BARCLAY, William. “*Jesus de Nazaré*”. São Paulo: Livros Abril, 1981.
- * *BÍBLIA SAGRADA AVE-MARIA*. 120ª ed. São Paulo: Tradução dos Originais mediante a versão dos Monges de Maredous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. Editora Ave –Maria/ Edição Claretiana, 1998.
- **BÍBLIA SAGRADA* – São Paulo: Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Sociedade Torre de Vigília de Bíblia e Tratados, 1993.
- **BÍBLIA SAGRADA* – São Paulo: Tradução Manoel Ferreira de Almeida. 2ª ed. Sociedade Bíblica do Brasil – Casa Editora Presbiteriana, 1999.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “*O que é Espiritismo*”. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- *CERVO, A. L. e BERVIAN, P.A “*Metodologia Científica*”. São Paulo: McGraw Hill, 1976.
- CHAMBERLIN, E.R. “*Papas Perversos*”. Lisboa: Editorial Liber, 1976
- CHAUÍ, Marilena. “*O que é Ideologia*”. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- *COLOMBO, Cleusa Beraldi. “*Idéias Sociais Espíritas*”. Jundiaí, SP. / Salvador, BA: Editora Comênus – IDEBA, 1998.
- *COMTE, August. Coleção “*Os Pensadores*”. São Paulo: Nova Cultural, 1996
- DEHARBES, Pe. José. “*Grande Catecismo Católico*”. 8ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1960.
- DENIS, Léon. “*Espiritismo e Cristianismo*”. Rio de Janeiro: FEB Editora, 1971.
- “*O problema do Ser, do Destino e da Dor*”. Rio de Janeiro: FEB, 1983.
- *DOYLE, Arthur Connan. “*A História do Espiritismo*”. São Paulo: Pensamento, sd.
- DURANT, Will. “*História da Filosofia*”. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- *História da Civilização*, vols. I ao XI. “Nossa Herança Oriental”, “Nossa Herança Clássica”, “César e Cristo”, “A Idade da Fé”, “A Renascença”, “A Reforma”, “Começa a Idade da

Razão”, “A Era de Luís XIV”, “A Era de Voltaire”, “Rousseau e a Revolução”, “A Era de Napoleão”.
Rio de Janeiro:Ed. Record, sd.

FERNANDES, R. C. (org.) “*Religião e Identidade Nacional no Brasil*”. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERRO, M. “*A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação: a História dos dominados em todo o mundo*”. São Paulo: Ibrasa, 1983.

FRANCO, Divaldo P. “*Nas Trilhas da Libertação*”. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

FREIRE, Paulo. “*Ideologia e Educação*”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALBRAITH, John Kenneth. “*A Era da Incerteza*”. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1986.

GARCIA, Nelson Jahr. “*O que é Propaganda Ideológica*”. São Paulo: Brasiliense, 1982.

*GOMES. Mayra Rodrigues. “*Jornalismo e Ciências da Linguagem*”. São Paulo: Hackers Editores/
Edusp, 2000.

HOBBSAWM, E. e RANGER, T. “*A Invenção da Tradição*”. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWN, E. “*A Era dos Impérios*”. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1986.

HUGO, Victor. “*Os Trabalhadores do Mar*”. São Paulo.Editora Abril, 1979.

..... “*Nossa Senhora de Paris*”. São Paulo: Otto Pierre Editores. s/d.

..... “*Os Miseráveis*”. São Paulo: Editora Abril, 1979.

*IANNI, Octavio. “*Teorias da Globalização*”. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998.

IMBASSAHY, Carlos. “*A Missão de Allan Kardec*”. Curitiba: Federação Espírita do Paraná,1988.

JR. FRANCO, Hilário. “*O Feudalismo*”. São Paulo: Brasiliense, 1983.

JR. PALHANO, L. “*Léxico Kardequiano – Manual de Termos e Conceitos Espíritas*”. Rio de Janeiro:
CELD, 1999.

*KARDEC, Allan. “*O que é o Espiritismo*” – *Noções Elementares do Mundo Invísível pelas Manifestações dos Espíritos*. São Paulo: LAKE. s/d.

..... “*O Livro dos Espíritos*”. São Paulo: LAKE, 1994.

..... “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”. Araras, SP: IDE, 1978.

..... “*O Livro dos Médiuns*”. São Paulo: LAKE, 1993.

..... “*A Gênese*”. São Paulo: São Paulo:LAKE, 1999.

..... “*O Céu e o Inferno*”. São Paulo: LAKE, 1999.

-“*Obras Póstumas*”. São Paulo: LAKE, 1999.
- *KUHN, Thomas S. “*A Estrutura das Revoluções Científicas*”. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LANTIER, Jacques. “*O Espiritismo*”. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, “*Saudades do Brasil*”. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LIMA, L.C. “*Teoria da Cultura de Massas*”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- *LUCEN, Antonio de Souza e GODOY, Paulo Alves. “*Personagens do Espiritismo*”. São Paulo’’: Edições FEESP, 1997.
- LORENZ. Francisco Valdomiro. “*Cabala – A Tradição Esotérica do Ocidente*”. São Paulo: Pensamento, s/d.
- LORENZETTI, Valentim e FOCÁSSIO, Flávio. “*Curso Básico de Espiritismo*”. São Paulo: Editora Aliança, 1994.
- MARIA, Pe. Júlio. “*Os Segredos do Espiritismo*”. Petrópolis: Vozes, 1938.
- *MARIOTTI, Huberto. “*Victor Hugo Espírita*”. S.B.Campo. Correio Fraternal. 1989.
- MCLUHAN, Marshall. “*Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*”. São Paulo: Editora Cultrix, sd.
- MACHADO, Leopoldo. “*Uma Grande Vida – Estudo biográfico de Cairbar Schutel.*” Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 1980.
- MENEZES, Adolfo Bezerra. “*Uma Carta de Bezerra de Menezes*”. Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- MOREIL, André. “*Vida e Obra de Allan Kardec*”. São Paulo: Edicel, 1965.
- *NIETZSCHE. Coleção “*Os Pensadores*”. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- NOVELINO, Corina. “*Eurípedes, o Homem e a Missão*”. Araras, SP: IDE, 1979.
- PAULA, João Teixeira de. “*Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*”. São Paulo: Banco Cultural Brasileiro, 1970.
- PAIVA, B. Godoy. “*Síntese de O Livro dos Espíritos*”. São Paulo: Edições FEESP, 1989
- PELLYCER, D. José Amigó y. “*Roma e o Evangelho*”. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- PEREIRA, Yvone A. “*Devassando o Invisível*”. Rio de Janeiro: FEB. 1976.
- PERES, Ney Prieto. “*Manual Prático do Espírita*”. São Paulo: Pensamento, 1997.
- PERRY, Marvin. “*Civilização Ocidental, uma História Concisa*”. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- O Espiritismo de “A” a “Z”*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

- PIRES, Herculano J. *"A Revelação do Mundo"* in "A Gênese". São Paulo: LAKE, 1999.
- *..... *"A Agonia das Religiões"*. 4ª ed. São Paulo: Paidéia, 1994.
- *"Visão Espírita da Bíblia"*. 5ªed. S.B. do Campo, SP: Correio Fraternal do ABC, 2000.
- *"O Espírito e o Tempo"*. São Paulo: Pensamento, 1974.
- REHFELD, W.I. *"Tempo e Religião"*. São Paulo: Perspectiva / Edusp. São Paulo, 1998.
- REICH, Wilhelm. *"Psicologia de Massas do Fascismo"*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard. *"Textos Pedagógicos"*. 2ªed. São Paulo: Editora Comênus, 1999.
- RIZZINI, Jorge. *"J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec."* 1ª ed. São Paulo: Paidéia, 2001.
- *ROHDEN, Humberto. *"Sabedoria das Parábolas – Mística das Bestitudes"*. 5ª ed. São Paulo: Alvorada, s/d.
- ROGERS, Carl R. *"Terapia Centrada no Paciente"*. Lisboa: Moraes Editores, 1974.
- *"Tornar-se Pessoa"*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- *"Concepção Rogeriana do Eu"* in EVANS, I. Richard. *"Carl Rogers: o Homem e suas Idéias"*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- *"Um Jeito de Ser"*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1983.
- SANT'ANNA, Hernani T. *"Universo e Vida"*, pelo Espírito Áureo. Rio de Janeiro: FEB, 1978.
- *SANTAELLA, Lúcia. *"O que é Semiótica"*. São Paulo: Brasiliense. 3ª ed. São Paulo. 1983.
- *SANTOS, Dalmo Duque dos. *"A Inteligência Espiritual: a Revolução Pedagógica da Escola de Aprendizagem do Evangelho."* 1ªed. São Paulo: DPL, 2.000.
- *"Você em Busca de Você Mesmo"*. São Paulo: DPL, Paulo, 2001.
- *SAUSSE, Henri. *"Biografia de Allan Kardec"*. in "Óbras Póstumas". São Paulo: LAKE, 1999.
- SAYÃO, Antonio Luiz. *"Elucidações Evangélicas"*. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- SCHAFF, Adam. *"História e Verdade"*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.
- SCHUTEL, Caibar de Souza e JÚNIOR, Faustino Ribeiro. *"Polêmica Religiosa: Espiritismo e Protestantismo em face dos Evangelhos e da Ciência"*. 5ª ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 1981.
- STENDHAL, *"O Vermelho e o Negro"*. São Paulo: Editora Abril, 1979.
- VIEIRA, Waldo. *"Projeções da Consciência"*. São Paulo: LAKE, 1981.

- VOLTAIRE. “*Os Pensadores*”. São paulo: Nova Cultural, 1996.
- VOVELLE, Michel. “*A Revolução Francesa contra a Igreja – da Razão ao Ser Supremo*”. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- XAVIER, Francisco Cândido. “*Emmanuel*”. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- “*Religião dos Espíritos*”, pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- “*Cartas e Crônicas*”, pelo Espírito Irmão X. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- “*Crônicas de Além-Túmulo*”, pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: FEB, 1975.
- “*Contos Desta e Doutra Vida*”, pelo Espírito Irmão X. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- “*Nosso Lar*”, pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- “*Os Mensageiros*”. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- *..... “*Missionários das Luz*”. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- “*Obreiros da Vida Eterna*”, Rio de Janeiro, FEB, 1986.
- “*No Mundo Maior*”. Rio de Janeiro: FEB, 1992.
- “*Nos Domínios da Mediunidade*”. Rio de Janeiro: FEB 1984.
- “*Ação e Reação*”, Rio de Janeiro: FEB. 1997
- “*Libertação*”. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- “*Evolução em Dois Mundos*”. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- “*Mecanismos da Mediunidade*”. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- “*Sexo e Destino*”. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- “*Desobsessão*”. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- “*E a Vida Continua*”. Rio de Janeiro: FEB, 1975.
- “*A Caminho da Luz*”, pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: FEB, 1995
- WEBBER, Max. “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”. São Paulo: Cortez, 1987.
- WEISS, Brian. “*A cura através da terapia de vidas passadas*”. Rio de Janeiro. Sextante, sd.
- WANTUIL, Zêus. “*As Mesas-Girantes e o Espiritismo*”. Rio de Janeiro: FEB, 1958.
- e THIENSEN, Francisco. “*Allan Kardec*”, 3ª ed. Rio de Janeiro: FEB. 1982.
- ZOLA, Émile. “*Germinal*”. São Paulo: Editora Abril, 1979.

FILMOGRAFIA/ Documentários:

“*Santo Forte*” – Eduardo Countinho – Documentário sobre a fé e a religiosidade do povo brasileiro.

Enfoque principal: sincretismo entre Espiritismo, Catolicismo e Umbanda.

“*Casa Grande e Senzala*” – Nelson Pereira dos Santos, sobre a obra de Gilberto Freyre. As origens da identidade e dos costumes brasileiros.

“*De volta dos mortos*” – David Wrigh – Granite Produccion/ Chanel 4 / National Geographic Chanel – Pesquisa sobre crianças libanesas que se lembram de suas vidas passadas.

“*Propaganda, o Poder da Imagem*” – Philipe Colin, Pierre Beuchot e François Poercile- Chanel 4 Television – Série sobre o uso do cinema e da televisão na propaganda ideológica nos últimos cem anos.

“*Egito: Em Busca da Eternidade*” – Norris Brock e Mirian Birch – National Geographic Society – Sobre a arqueóloga britânica Ohm Set e sua experiência a arqueologia e crença na reencarnação. Video Arte do Brasil.

“*A Bíblia como Literatura*” – Enciclopaedia Britannica do Brasil – Descrição sobre os diversos estilos literários contidos nos livros bíblicos.

PUBLICAÇÕES:

Abertura – Jornal de Cultura Espírita – Santos, São Paulo.

Anuário Espírita - IDE. Vols. de 1966 a 1994. Araras, SP.

Correio Fraternal do ABC. São Bernardo Campo, SP.

**Caderno Mais* – Folha de São Paulo – edição de 30 de julho de 2.000.

Correio da Unesco – Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro.

Dirigente Espírita - USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

**Líbero* – Revista de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. São Paulo. SP.

O Semeador - FEESP- Federação Espírita do Estado de São Paulo. – São Paulo.

O Trevo – Aliança Espírita Evangélica. São Paulo, SP.

O Reformador - Federação Espírita Brasileira. – Rio de Janeiro.

**Parâmetros Curriculares Nacionais* – Ministério da Educação. Brasília, 1998.

Pensar-Pulsar – Cultura Comunicacional, Tecnologias e Velocidades – Coleção Loghos, Volume 1.
Edições NTC

**Ponto Futuro – Encarte jornal Meio & Mensagem. São Paulo 1999.*

**Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – 1858/1869. Tradução de Júlio de Abreu Filho.*
Edicel. Sobradinho. DF

National Geographic – Brasil, Dezembro, 2001

Revista Planeta. Editora Três. São Paulo.

Revista Internacional do Espiritismo. Casa Editora O Clarim. Matão, S.P.

**Revista Veja e fascículos “Veja na Sala de Aula” – Editora Abril. São Paulo, 2000.*

**Visões 21 – Time, vol. 3, nº 4 – Encarte da Folha de São Paulo. São Paulo, 2000.*

Visões do Espaço e da Ciência – Time, vol. 3, ° 4. Encarte da Folha de São Paulo. São Paulo, 2000.